JANEIRO MDCCCXCV

VOZ DE S. ANTONIO

Revista mensal illustrada

Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados

N.º 2 * FEVEREIRO 1899 *

5.º ANNO 1895 — 1899 SÉRIE 3.ª

ARCHIDIOECESIS BRACARENSIS HISPANIARUM PRIMATIS

J. J. Moreira, des.

P. Mariano, gr.

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO. — «*O Jornal de Caminha*» *e as Irmãs Hospitaleiras.* — *O «grande sacerdote» do positivismo materialeiro portuguez.*

O *Jornal de Caminha*, que se intitula *independente*, e talvez a fim de provar que o é, tentou abocanhar a benemerita Congregação das Irmãs Hospitaleiras Portuguezas. Não o conseguiu, porém. São já tão conhecidos os processos de combate de que usa a jacobinagem indigena, que a gente séria e honrada vota ao merecido desprezo o ingenuo ou o tartufo que d'elles intenta soccorrer-se.

Não sei que fim teria em vista o Romeu do *Jornal de Caminha* (o redactor d'aquelle jornal chama-se Antonio Romeu...) em vir expectorar insultos contra as pobres e indefesas senhoras; segreda-se por lá, á bocca pequenina, que elle intentava anichar-se na direcção do asylo *Silva Torres*, de Caminha, e mais a esposa, e mais as cunhadas, e mais o sogro; o que não poderá realisar em quanto as Irmãs Hospitaleiras estiverem no tal asylo; e que para a realisação de todos estes aureos sonhos, contava com a alta influencia de um dos sobreditos interessados, prestigioso chefe politico lá da terra, o qual, (segundo escrevem n'*A Palarra*) «sem licença de todos nós, — e muito menos do Snr. Arcebispo de Braga, usa bigode e pera, sem que as faces lhe estoirem de vergonha...»

Não sei o que em tudo isto haverá de verdade; quero mesmo suppôr que serão muito rectas as intenções do articulista do *Jornal*; mas por isso mesmo folgaria em que elle saisse do campo das insinuações vagas, e adduzisse factos provados e incontestaveis. Não o fez, porém, assim: limitou-se a umas banalidades vãs e insossas, que denotam ou pobreza de idéas no cerebro que as produziu, ou — o que seria ainda mais triste — um espirito que, de caso pensado e com acinte atraiçôa as proprias convicções, e diz o contrario do que sente (no cathecismo christão chama-se *contradizer a verdade conhecida por tal*...). O que justifica a suspeição de que seja aquillo um mero arrazoado *pro domo sua*.

Seja porém, como fôr, o certo é que tudo aquillo é inepto, banal, falso, calumniador.

Façam idéa que até faz as Irmãs Hospitaleiras *filhas de S. Francisco Xavier*!

Mas a base de sua accusação, está em que o instituidor do asylo prescreveu que ás creanças do sexo feminino se ensinassem, entre outras coisas «as maximas da boa moral e doutrina *pura* e catholica *sem superstições e sem esses preconceitos, abusões e terrores* que conspurcando a religião de Jesus Christo, *embrutecem* o animo das creanças e *as inutilisam para a familia e para a sociedade*».

Bem. Mas quem provou já que as Irmãs Hospitaleiras não ensinam a doutrina *pura* ou ensinam *superstições* e *preconceitos* e *abusões* (que papão será este?...) ou incutem *terrores*? Onde estão as creanças que fôssem por ellas *embrutecidas* e *inutilisadas* para a familia e para a sociedade?

A calumnia é atrevida e sem vergonha...

E' impagavel de graça e de merecimento inapreciavel est'outro periodo:

«Se a mulher intelligente, liberal e bondosa é admiravel, (é muito mais do que isso...) a mulher ignorante, hypocrita e beata é, sem duvida, o ente mais perigoso da sociedade».

Claro que é. Linneu, se tivesse sonhado com tão perigoso bicho, tambem assim o houvera classificado. Não o fez um Linneu, mas fêl-o um Romeu...

Affirma tambem que é deficiente a educação ministrada pelas Irmãs Hospitaleiras, porque «o recrutamento das irmãs mestras se faz a esmo sem se ter na menor consideração o valor profissional das recrutadas».

Isto é absolutamente falso. Cada Irmã é destinada ao mistér para que tem maior capacidade ou idoneidade. E o não ser consultado para o effeito o Romeu do *Jornal de Caminha*, não significa de modo algum que a auctoridade superior da Congregação, ao fazer a distribuição de pessoal, obre arbitrariamente, e sem attender ao que o mais elementar bom-senso está a lembrar...

E' muito curial.

As outras sandices do *Jornal* não valem a pena de ser escalpeladas, e são bastante castigadas com o desprezo.

E continúe, irmãosinho. Faça capacitar-nos a todos nós que o *Jornal de Caminha* não é *hypocrita* nem *tartufo*...

— O *grande sacerdote* do positivismo materialeiro em Portugal, o famigerado snr. Theophilo Braga (mal empregado nome!...) atreveu-se, na sua conferencia sobre Garrett, a pronunciar as seguintes palavras:

«Acabaram os frades, (ora essa?) os capitães-móres e todas as velhas fórmas do regimen catholico-feudal, e ficará um vacuo que a carta constitucional outorgada não podia encher. Garrett teve o dom de satisfazer essa necessidade moral, dando ao sentimento portuguez idealisações estheticas que a alentassem; deu-lhe por objectivo uma patria *independente da religião e da monarchia*.»

Aqui ou ha ignorancia ou má fé. Ahi estão as obras do grande escriptor a provar que era muito differente o seu ideal. Se o snr. Theophilo Braga as não leu, o menos que poderemos chamar-lhe é *ignorante;* se as leu e propositadamente calou o que ellas dizem, para attribuir a Garrett coisas que elle abertamente condemna, é um tartufo de má fé, um insultador vil das cinzas de um morto, que não póde defender-se

Garrett foi, não ha duvida, um *liberal* exaltado; mas, se póde haver *liberaes* sinceros, elle era um dos taes. E nunca deixou de ser um crente. Não póde ser um atheu quem escreve isto:

«... A liberdade não é inimiga da religião do céo nem da religião da terra. Sem ambas não vive, degenera, corrompe-se e em seus proprios desvarios se suicida.

«A religião do Christo é a mãe da liberdade, a religião do Patriotismo a sua companheira.

O que não respeita os templos, os monumentos de uma e outra, é mau inimigo da liberdade, deshonra-a, deixa-a em desamparo, intrega-a á irrisão e ao odio do povo».

Mire-se n'este espelho o snr. Theophilo Braga... E leia tambem um notabilissimo discurso que elle pronunciou no parlamento, no qual se não pejou de dizer:

«A religião é para um paiz o principio e o complemento do ensino; é segundo a bella phrase, tão cançada já, mas tão bella sempre e tão verdadeira de um juris-consulto illustre, o supplemento ao codigo criminal da nação».

E, mostrando a influencia que o clero deve ter no ensino da juventude, continúa:

«Vejo que desde a instrucção primaria se foge com o medo de velhos perigos que hoje não ha, de confiar mais nos parochos, de lhes dar mais alguma auctoridade, que precisavam ter na educação da mocidade. Eu não tenho esses medos; e, sem querer entregar absolutamente a instrucção publica ao clero, desejo, e deseja todo o homem que vê o estado do mundo que juntamente com o primeiro leite da religião, seja dado o primeiro elemento de instrucção

5.º ANNO — N.º 2 | 3.ª SERIE | FEVEREIRO — 1899

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

A Instrucção Religiosa.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: A Ordem Terceira na Belgica. — A Oração de um Terceiro. — Santo Protector para o mez de março. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar. — Virtudes a imitar. — Maxima. — Oração.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: Os coelhos de S. Diogo.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Portugal. — Braga. — Lisboa — Granja. — Leiria. — Ericeira. — Movimento da Pia União e Pão dos Pobres em Paderne durante o anno findo. — Angra (Açôres). — Os cofres do Pão de Santo Antonio. — Recommendações. — Os nossos defunctos.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: Aventura nocturna. — Duas cartas de Garrett. — Ignoto Deo *(poezia)*. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
VI Parte — ECHO DAS MISSÕES. CHRONICA UNIVERSAL.
Gravuras: S. Santidade o Papa Leão XIII. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Tenente-Coronel José Fernando de Souza (NEMO) — O altar-mór da egreja de Santo Antonio em Brives (França). — O convento de Chilandar (Asia Menor). — A egreja de Sedoná (Bardez-India).

A INSTRUCÇÃO RELIGIOSA

A RELIGIÃO é base essencial de toda a sociedade bem constituida. Onde ella não reinar, ha a desordem, a dissolução, a anarchia o cáos. Não ha politica elevada, ha a galopinagem e o mercadejar vil de consciencias; não ha moral, ha a licença infréne e a satisfação brutal de grosseiros e hediondos appetites; não ha o trabalho honesto e digno, ha as agitações e aspirações socialistas, ha o dynamite em revolta contra os direitos mais sagrados e legitimos; não ha o commercio probo e sério, ha as traficancias, a chatinagem vil, subordinadas ao afan insaciavel de amontoar riquezas — não importa á custa de que meios; não ha industria decorosa e elevada, ha as adulterações e falsificações de tudo, ainda dos generos mais indispensaveis á vida, nos quaes ellas são mais irremediavelmente nocivas; n'uma palavra: não ha consciencia, e, faltando ella, é impossivel a vida social. Um povo sem religião é um povo morto, a esphacelar-se; é um cadaver em decomposição.

O mesmo passa na vida individual: a falta de crenças religiosas é meio caminho andado na senda vertiginosa que leva ao abysmo da desesperação e do suicidio. Um espirito atribulado e opprimido pela dôr, onde achará lenitivo para a sua amargura? Um coração rasgado e dilacerado pelos abrólhos do infortunio, ferido no mais caro de seus affectos, onde ha-

verá balsamo para suas chagas? A vida sem religião não terá um raio de suavissima esperança a dulcificar-lhe as agruras: é deserto sem oásis, tenebrosa noite sem estrellas.

D'esta necessidade absoluta da intervenção da religião na vida do individuo ou da sociedade, deriva a necessidade, igualmente impreterivel, de uma sólida instrucção religiosa. Instrucção que deve ir-se desenvolvendo e completando parallelamente com o desenvolvimento do espirito e com a acquisição dos outros conhecimentos do saber humano.

Com effeito: comprehende-se que, para intelligencias rudes e incultas, sejam sufficientes as noções elementares do cathecismo, nas quaes os dogmas da fé simplesmente são propostos á crença dos fieis, desacompanhados, quasi por completo, de argumentos que comprovem a verdade do — *rationabile obsequium* — de S. Paulo: que a razão e a fé não podem estar em litigio nem opposição.

Quando, porém, o espirito attingiu um certo grau de cultura, quando a razão se habituou a inquirir de tudo, a exigir o porquê de todas as noções com que se vae enriquecendo, sem contentar-se com meras affirmações gratuitas ou com o rotineiro *ipse dixit*, é obvio que, se desconhecer os sólidos motivos de sua crença, ou será levada a considerar a religião como anachronica e a Egreja como instituição caduca, ou será arrastada ao abysmo do racionalismo ou do indifferentismo religioso.

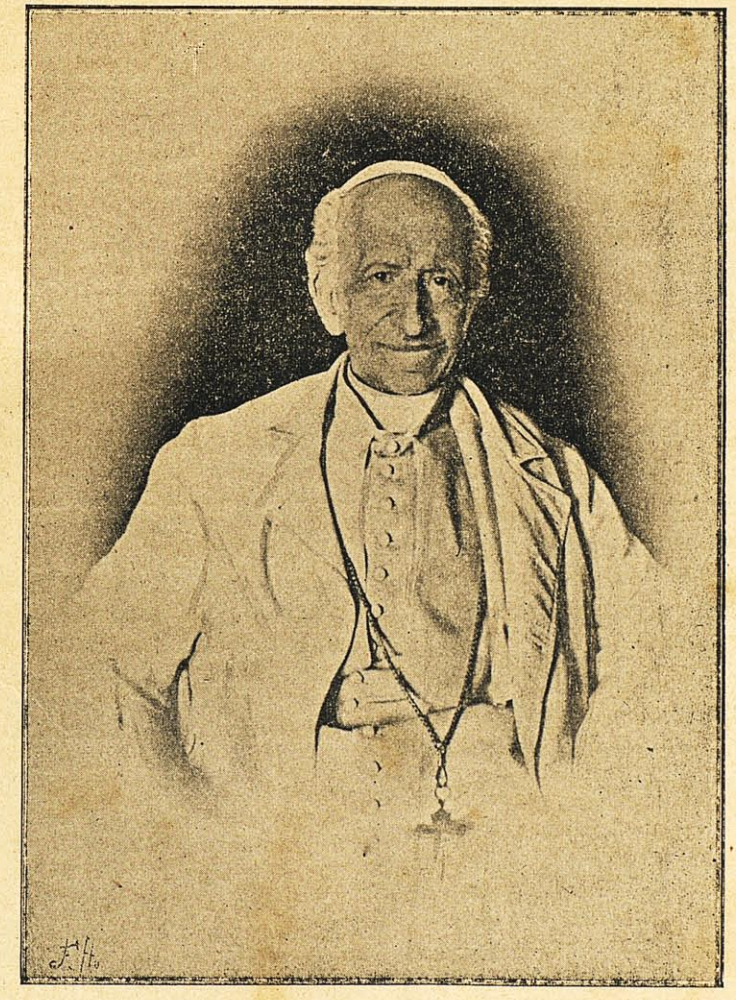
E homens assim, postos á testa do governo d'um povo aonde o levarão?... Não nos atrevemos a adduzir o exemplo das nações modernas, particularmente das nações latinas e nomeadamente de Portugal, onde aquella pergunta terá porventura a mais litteral e a mais desoladora resposta...

E' evidente, porém, que tal instrucção não póde ser ministrada no lar domestico. Aos chefes da familia fallece-lhes, pelo commum, a necessaria competencia. E, quando esta lhes assistisse, escacear-lhes-ia o tempo necessario; ou, quando mesmo tal não succedesse, faltaria opportunidade, pois que geralmente durante o tyrocinio scientifico, o alumno vive quasi todo o tempo ausente da familia.

Logo, na falta de meio mais adequado e facil de conseguir uma completa e sólida instrucção moral e religiosa, ao estado incumbe o dever indeclinavel de intervir e remediar, até onde seja possivel, a deficiencia do ensino domestico.

Assim o téem comprehendido os governos de todos os povos civilisados. Em alguns é mesmo todo o ensino subordinado ao elemento religioso; tendo como certo que entre a religião e a cultura intellectual ha laços de estreitissima alliança, e que a segunda divorciada da primeira, corre perigo d'um lamentavel naufragio, podendo até, em vez de ser um auxiliar da civilisação, converter-se em poderoso elemento de dissolução social.

Só em Portugal se não comprehende assim! E' triste que, n'um paiz cuja lei fundamental garante á religião catholica a prerogativa de religião official do estado, não se encontre, na respectiva legislação do ensino superior, uma palavra que lhe diga respeito! E' inconcebivel que, no longo percurso de sete annos que entre nós dura o tyrocinio das letras, nunca aos ouvidos do adolescente se faça chegar uma só palavra, por aquelles que lhe ministram o pão do espirito, ácerca da religião e da Egreja,



S. Santidade o Papa Leão xiii

de sua moral e de seus dogmas, de sua liturgia e de seu culto!

E ha um padre que, chamado, no exercicio de suas funcções officiaes, a pronunciar-se em tão momentosa questão, sancciona, com o seu voto, um tão inqualificavel estado de coisas!

Espantoso! Simplesmente incrediavel!

E' urgente acabar com similhante anomalia, que nos envergonha e deprime aos olhos dos civilisados. Talvez um movimento persistente e bem dirigido de todos os catholicos, e do clero em especial, consiga inspirar aos poderes legislativos da nação o que não puderam inspirar até hoje a voz da razão, do bom senso e da consciencia.

Unamo-nos, pois, n'essa acção inadiavel, impreterivel; protestemos bem alto contra esse vilipendio, cuspido cynicamente nas faces da maioria dos portuguezes, que é catholica; façamos ouvir a voz da justiça e da consciencia, certos de que, no dia em que chegarmos a conseguir este desiderato supremo, a religião e a patria nos serão devedoras d'um serviço de valor inapreciavel.

SECÇÃO DOUTRINAL

A Ordem Terceira na Belgica

NA Belgica, um paiz que em tanta coisa é hoje um exemplo até para grandes nações; na Belgica, onde um forte partido catholico tem muita vez levado de vencida os seus implacaveis inimigos; na Belgica, a Ordem Terceira está florescente como em poucas partes, e é um grande meio de acção religiosa e civilisadora. Conta em suas fileiras pobres operarios, patrões, nobres e plebeus, grande numero de magistrados civis, deputados e senadores.

Toda essa multidão, tão differente por sua posição social e por suas conveniencias pessoaes, responde sem hesitações a qualquer appêllo dos frades menores.

Para certificar os nossos leitores do que dizemos, bastará apresentar um facto, ao mesmo tempo de molde a despertar os brios dos Terceiros portuguezes.

Para celebrar o vigesimo quinto anniversario da inauguração da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, mais de mil Terceiros corresponderam ao convite dos franciscanos da primeira Ordem.

Durante a missa celebrada pomposamente, um frade franciscano falla com eloquencia sobre a acção a desenvolver pelos Terceiros, para a restauração do reino social de Jesus Christo. Depois reunem-se no convento dos religiosos de N. Senhora de Lourdes. Entre os nobres personagens, que compunham a assembléa, avultavam o senador Mulle de Ter Schueren, Arthur Merhayen, membro da deputação permanente da Flandres oriental e Thuysbaert, burgomestre de Lokeren. O Padre Guardião do Convento de Gand preside a toda esta numerosa assembléa. Arthur Verhayen, deputado, toma a palavra, e desenvolve este bello thema: «E' á Egreja que somos devedores da *egualdade*, da *liberdade*, da *fraternidade*; não como absurdamente as entendem os mações e os socialistas, mas como Jesus Christo enriquecendo com ellas o genero humano, e como S. Francisco pondo-as em pratica.

«S. Francisco, quando vivo, era o amigo do povo, o defensor do fraco, disse o orador ao acabar; sua Ordem tem contribuido poderosamente para destruir a injustiça e fazer reinar o espirito de fraternidade. A ordem de S. Francisco, a Ordem dos frades menores, é a Ordem que toma a peito os interesses do povo. Em nossos dias sobre tudo, são necessarias obras materiaes para elevar o povo, e christianisal-o ennobrecendo-o. Entre essas obras distinguem-se os patronatos, as sociedades de soccorros mutuos, etc.... Meios poderosos para elevar, são tambem a chave que dá entrada para os corações.

Permitti que vol-o diga bem alto: Meus

irmãos, entregae-vos sem reserva a estas diversas obras. Não vos contenteis com mantel-as por vossas esmolas, mas entrae vós mesmos n'ellas. O Papa diz-nos: «introduzi-vos no povo». Sim, entretende relações com o povo, tratae-o, interessae-vos por seus soffrimentos, amae-o com uma verdadeira caridade fraterna, e o povo tão generoso vos dará o coração, unir-se-ha a vós, marchará sobre vossos passos. Sim, introduzi-vos no povo, e por vós, o mundo não cessará de ouvir a palavra dos anjos em Belem: Gloria a Deus, e paz aos homens de boa vontade!»

Este final do discurso do eminente deputado, catholico decidido e Terceiro de acção, foi escutado e recebido com frenesi pela assembléa, e calorosamente applaudido. O Padre Guardião do convento de Gand levanta-se e agradece respeitosamente ao orador: «O snr. Verhayen, diz, citou os frades menores como os verdadeiros amigos do povo. Nada mais certo: temos sido amigos do povo, permaneceremos amigos do povo. Sim, estaremos a seu lado para o sustentar com nosso appoio e com nossos conselhos. Jámais seremos da raça dos miseros socialistas, que só procuram excitar as paixões brutaes, que deixam as chagas abertas, que, no momento do perigo, se retiram para as janellas a contemplar os tumultos e a carnificina da rua. Não; viveremos, penaremos a seu lado. Ainda uma vez, snr. Verhayen, obrigado em nome de S. Francisco».

O notavel burgomestre de Lokeren, Prospero Thysbaert, sóbe logo depois á tribuna. Occupa-se do triste estado actual da sociedade, e chama a Terceira Ordem a exercer hoje a sua influencia salutar, sobre a sociedade civil e domestica.

«Nas altas camadas sociaes reina o orgulho e o sensualismo; nas inferiores, nas populares, o descontentamento e a desmoralisação. E a causa de tão lamentavel estado pathologico da sociedade, encontra-se facilmente na falta e quasi completa ausencia das virtudes christãs, unicos meios de regeneração social. O cumprimento do dever, a pratica da caridade fraterna, só existem na religião; fóra d'ella, egoismo, odio, orgulho». Estes, em resumo os pontos capitaes, magistralmente discutidos pelo illustre Thysbaert. Após accrescenta: «A meu vêr, muitos catholicos podem reivindicar uma parte da responsabilidade na situação assustadora de nossos dias. Muitos não ousam arvorar o seu estandarte; alguns receiam manifestar-se por considerações humanas e são, senão cumplices de nossos adversarios, pelo menos muito indifferentes á questão social. Muitos consideram a Ordem Terceira só boa para os devotos; ignoram, ou fingem ignorar, que é ella o esquadrão eleito, o porta-bandeira na guerra actual entre o bem e o mal. Esta apathia, esta indifferença, augmenta a audacia e o atrevimento dos socialistas.

«Nossos adversarios descobrem-se em seus discursos, em seus escriptos, em seus *meetings*, etc. Tambem nós, tambem devemos abrir treguas a todas as concessões do respeito humano. Vêde Garcia Moreno: o corajoso presidente do Equador não conhecia o respeito humano; verdadeiro christão, verdadeiro Terceiro, protestou com toda a energia de sua alma contra a usurpação dos Estados Pontificios; consagrou a republica do Equador ao Sagrado Coração de Jesus.

«Mas para sêrmos, nós tambem, fórtes e corajosos, sejamos unidos: «a união faz a força». Frederico II da Allemanha levou a guerra á Italia. Era em 1237. Tudo cedia em presença do devastador. Mas eis que uma joven apparece, com a cruz na mão, gritando aos fugitivos e timidos: «Coragem, concidadãos, uni-vos! Segui-me, e ávante»! Era uma Terceira, S. Rosa de Viterbo, Sim, a união contem o segredo da nossa força. Unamo-nos pois, e, se a Ordem Terceira hoje realisar o pensamento de S. Francisco e de Leão XIII, a sociedade será salva.

Mas não nos contentemos com espalhar a Ordem Terceira, sejamos verdadeiros Terceiros. Préguemos com nosso exemplo, apresentemo-nos para defender os direitos da Egreja e os direitos do pobre e do opprimido, onde quer que encontremos o inimigo.

«A Irlanda foi outr'ora opprimida, como o era, ha quinze annos, a nossa querida Belgica.

«Os potentados inglezes tinham jurado encadear a liberdade d'este paiz. Levanta-se, porém, um homem, O' Connell. Profundamente convencido, diz a seus eleitores: «Enviae-me ao Parlamento, ahi defenderei a vossa liberdade e a vossa religião». A luta eleitoral era viva. No dia das eleições, via-se no meio da sala um rico *landlord;*

diz a um rendeiro irlandês: «Votareis contra O'Connell; deporeis esta cedula; quando não, sereis expulso da minha propriedade». O pobre camponez pensa em sua velha mãe, nas graves consequencias de seu voto; está quasi decidido a votar contra O'Connell, quando, do fundo da sala, brada uma voz: «Meu filho, não vos intimideis; eu, vossa mãe, vol-o, supplico, votae pela liberdade da Irlanda, votae por O'Connel».

«Irmãos em S. Francisco, no caminho da vida, não nos intimidemos. Mostremo-nos dignos successores dos Terceiros da época de S. Francisco. Sejamos corajosos, intrepidos, como esta mãe irlandêza; votemos, trabalhemos pela liberdade e pela fé da nossa querida patria. Assim nos tornaremos uteis á sociedade civil; assim serviremos, ao mesmo tempo, a causa de Deus, da religião e da patria».

Uma tempestade de palmas e acclamações acolheu tão ardente e tão enthusiastica peroração. Com a mesma animação e calôr fôram apresentados ao orador os agradecimentos pelo Padre Guardião; e em seguida felicita-o pela distincção que n'aquelles ultimos dias recebera do monarcha, a Cruz do Merito Civico. Depois exclama: «Sois um verdadeiro cidadão, um catholico intemerato; honra a vós, cuja direcção, cujos esforços téem assegurado ao partido catholico de Lokeren tantas victorias».

A oração de um Terceiro

Um bispo francez fazia não ha muito, a sua visita pastoral; movido de caridade apostolica, entrou em um hospital, acercou-se de um soldado, de avançada idade, em cujo rosto moribundo se entreviam ainda provas de seu antigo valor.

«Como estás meu filho? pergunta o Prelado com grande ternura.

— Mal, muito mal, respondeu o soldado; não duvido de que brevemente me darão baixa do serviço.

— N'esse caso, não abandoneis o serviço do Rei dos reis, e cuidae em assegurar-vos uma boa pensão.

— Assim o espero.

— Sendo militar, haveis sido sollicito em não omittir nunca vossas orações da manhã e da noite?

— Não as esqueci nunca, Monsenhor, desde que minha santa mãe, quando eu era ainda muito joven, me fez entrar na Ordem 3.ª de S. Francisco.

— Comprehendo: S. Francisco de Assis quer salvar-vos. Mas dizei-me: que orações rezaveis? Sem duvida que vossas obrigações, vossos deveres militares vos não permittiam fazel-as muito longas.

— Assim é, Monsenhor; as orações d'este pobre soldado eram muito breves.

— Quaes eram então? Sem duvida, um *Padre Nosso* uma *Ave Maria*, alguma breve oração a S. Francisco...

— Oh! Não era tanto, Monsenhor; essas eram para os dias festivos, nos quaes tinha de assistir ao Santo Sacrificio da Missa; nos dias de trabalho minhas orações eram mais curtas.

E que orações rezaveis então, nos dias em que não ouvieis Missa?

— Eram estas, Monsenhor: ao deitar-me, dizia — *Meu Deus, eu vos saúdo; vosso servo vae descançar; tende piedade de mim.* Pela manhã, ao levantar-me, dizia: *Meu Deus, eu vos saúdo; vosso servo se alevanta; tende piedade de mim. Maria, salvae-me! S. Francisco, protegei-me!*

— Deus te abençôe, meu filho. Tua oração era breve, mas Deus ouviu-a; elle te concederá o Paraizo.

Se nossos soldados imitassem aquelle fervoroso Terceiro, e rezassem ao menos aquella breve oração!...

Santa Protectora para o mez de março

Santa Francisca Romana da 3.ª Ordem. — O principal segredo de sua virtude, consistia em alliar maravilhosamente as praticas de piedade com o mais rigoroso cumprimento das obrigações de seu estado. D'ella se conta que, estando, certa occasião rezando o *Pequeno Officio de Nossa Senhora*, e sendo chamada por seu marido, acudiu logo; voltando á reza, tornou ainda a interrompel-a, para acudir de novo á voz de seu marido; ainda terceira vez recomeçou a reza e terceira vez a interrompeu, pelo mesmo motivo; e, voltando pela quarta vez a começal-a, encontrou escripta em letras de oiro a palavra onde a interrompêra. Trazia sempre vestido o Habito da 3.ª Ordem. Fazia convergir todos os seus cuidados para a boa educação dos filhos com que Deus abençoára o seu matrimonio. Depois da morte de seu marido, recolheu-se a um convento, que ella mesma fundára em Roma, onde viveu o resto de seus dias na pratica de uma austerissima penitencia e profunda humildade. Approuve ao Senhor de a provar com graves dissabôres e profundos desgostos, que ella supportou sempre com grande paciencia e resignação; por isso lhe foi concedido poder conversar muitas vezes familiarmente com seu Anjo da Guarda.

Absolvição geral

No dia 19: Festa de S. José.

No dia 25: Festa da Annunciação de Nossa Senhora.

E em toda a Semana Santa, a começar no domingo de Palmas.

Indulgencias a lucrar

Plenarias :

1 — No dia 5 : S. João José da Cruz da 1.ª Ordem.

2 — No dia 6 : S. Coleta, da 2.ª Ordem.

3 — No dia 9 : S. Catharina de Bolonha, da 2.ª Ordem.

Parciaes :

Nos dias 5, 6, 12, 13, 19, 20, 26 e 27 — 198 annos e outras tantas quarentenas.

Nos dias 4, 11, 18 e 25 — 300 dias.

Nos dias 5, 6, 9, 11, 16 e 22 — 256 annos e 50 quarentenas.

Além d'estas é concedida indulgencia plenaria como a da Porciuncula, desde as 3 horas da tarde do dia 24, até ao sol posto do dia 25, no reino de Portugal.

Virtude a imitar

Inteira pontualidade no cumprimento dos deveres do proprio estado.

Maxima

O homem pede a Deus dons sem medida e sem limites, e só quer servil-o com limites e com medida !

B. Gil de Assis.

Oração

O' Deus, que, além de muitos outros dons de vossa graça, honrastes a vossa serva Francisca com a familiar convivencia de seu Anjo Custodio, concedei-nos tambem a nós a graça de alcançarmos, por sua intercessão, a companhia dos Anjos na gloria. Por Jesus Christo Senhor Nosso. Assim seja.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO III

Como, por causa d'um pensamento que S. Francisco teve levemente desfavoravel á virtude de Fr. Bernardo, ordenou a este que tres vezes lhe passasse com os pés por sobre o pescoço e bocca.

DEVOTISSIMO servo de Christo S. Francisco, pela aspereza da penitencia e continuo chorar, tornara-se quasi cego, de fórma que bem pouco via. Entre outras uma vez partiu do logar onde estava e dirigiu-se aonde Fr. Bernardo, com o fito de praticar com elle ácêrca das cousas divinas. Mal ahi chegou soube que era na floresta em oração, todo enlevado e unido a Deus. Então S. Francisco dirigiu-se para a floresta e chamou-o: «Vem, disse elle, e falla a este pobre cego» : e não lhe tornou resposta alguma Fr. Bernardo, porque, como era homem d'alta contemplação, tinha a mente suspensa e arroubada em Deus. Esplendia n'elle graça excepcional ao fallar de Deus, como S. Francisco vezes sem conta verificára, por isso ardia em desejos de com elle fallar. Intervallados minutos, chamou-o segunda e terceira vez, sem que Bernardo ouvisse ; d'onde o não lhe responder, nem ir ter com elle.

D'alli se partiu S. Francisco o seu tanto desconsolado, admirando-se e lastimando-se que Fr. Bernardo, tres vezes chamado, não acudisse a seu appêlo. Caminhava revolvendo na mente este pensamento, quando voltando-se a seu companheiro, lhe disse : «Aguarda-me aqui». E afastando-se a um logar solitario, lançado em joelhos, pediu a Deus lhe revelasse qual a razão por que Fr. Bernardo não obedeceu á sua voz ; estando ainda n'esta postura humilde e devota, veio do céo uma voz, que assim lhe fallou : «Pobre homemzinho, de que estás perturbado ? Deve o homem deixar Deus pela creatura ? Fr. Bernardo era comigo, quando o chamavas ; e por isso não podia vir ter comtigo, nem responder-te ; não extranhes, pois, o seu proceder. Tão alheado de si estava elle que, das tuas palavras, nem uma sequer ouviu».

Com esta resposta de Deus, em continenti retornou S. Francisco para junto de Fr. Bernardo, a fim de se lhe accusar humildemente do pensamento que tivera em seu desabono. Vendo-o vir em direitura a si, sahiu-lhe ao encontro Fr. Bernardo, e lançou-se-lhe aos pés ; n'este passo S. Francisco o fez levantar, e contou-lhe com muita humildade o pensamento e turbação de espirito que tivera por seu respeito ; e a resposta que houvera de Deus. Depois rematou assim : «Por santa obediencia te mando que faças o que te vou ordenar».

Arreceando-se Fr. Bernardo que lhe prescrevesse alguma coisa excessiva como soia fazer, envidou altos esforços por cor-

tezmente se esquivar, e deu-lhe por fim esta resposta:

— Prompto estou a fazer-vos a vontade, se da vossa parte me prometterdes cumprir tambem o que vos preceituar.

Como S. Francisco accordasse na proposta, concluiu dizendo:

Padre, manifestae-me agora o que é de vossa vontade que eu faça.

— Eu te mando por santa obediencia, tornou-lhe S. Francisco, que, para punir minha presumpção e os impetos de meu coração, por sôbre mim, estendido por terra, passes tres vezes, pondo-me um pé sobre o pescoço e o outro sobre a bocca, e isto acompanhado de vituperios e doestos em que devem de entrar estas expressões: «Fica-te ahi por terra, desprezivel filho de Pedro Bernardoni! D'onde te vem tanta soberba, sendo tão vil creatura?»

Fr. Bernardo, ainda que entranhadamente lhe pungia a alma cumprir ordem tal, comtudo por santa obediencia poz em pratica o mais geitosamente que pôde quanto S. Francisco lhe prescrevera.

Isto feito, disse S. Francisco: — Agora bem pódes mandar-me fazer o que fôr de teu agrado, que a isso estou obrigado por obediencia.

— Por esta celestial virtude te mando que toda a vez que estivermos juntos me reprehendas e corrijas asperamente de meus defeitos.

S. Francisco ficou sobremaneira maravilhado, porque o seu Fr. Bernardo era varão de santidade tamanha que lhe incutia profunda reverencia, e não o reputava reprehensivel em quer que fôsse; d'alli para o diante evitava dar largas á conversação com elle, por que não lhe viesse a succeder soltar alguma expressão de censura a quem elle sabia tão virtuoso. Mas quando o empuchava desejo grande de vêl-o e ouvil-o, fazia-o de levante dando-se pressa em distanciar-se e partir.

E era coisa devotissima de vêr com quanta humildade, reverencia e caridade o glorioso S. Francisco fallava com Fr. Bernardo, seu filhinho primogenito! O que tudo seja para gloria de Jesus Christo e do pobrezinho Francisco. Amen.

CAPITULO IV

Como um Anjo de Deus propõe uma questão a Fr. Elias, guardeão d'um convento do Valle d'Espoleto. — Resposta inconveniente e orgulhosa d'este. — Parte, por isso o Anjo em peregrinação a S. Thiago. — Encontra pelo caminho Fr. Bernardo a quem narra esta historia.

Ill.mo e Ex.mo Snr. Tenente-Coronel José Fernando de Sousa (NEMO)

No principio da Ordem, quando eram poucos os frades e pouquissimos os conventos habitados, S. Francisco por impulso de devoção dirigiu-se em peregrinação a S. Thiago da Galliza, e levou comsigo uns tantos frades, um dos quaes era Fr. Bernardo. Deparou-se-lhes n'uma terra um pobrezinho enfermo. S. Francisco, entrado de compaixão disse para Fr. Bernardo: Filhinho quero que fiques aqui cuidando d'este enfermo; e Fr. Bernardo joelhando humildemente, inclinada a cabeça recebeu a obediencia do Santo Padre, e ficou n'aquelle logar, proseguindo S. Francisco e demais companheiros para S. Thiago.

Tendo ahi chegado e estando de noite em oração na egreja do Santo, foi por Deus revelado a S. Francisco que devia de occupar muitos logares pelo mundo, porque a sua Ordem propagar-se-ia e cresceria com uma multidão grande de frades. E d'harmonia com esta revelação começou a povoar algumas casas n'aquellas regiões. Tornando S. Francisco pelo caminho que para ahi levara, foi encontrar-se com Fr. Bernardo e com o enfermo que lhe fôra confiado, já perfeitamente guarecido. A titulo de premio, concedeu, no seguinte anno, a Fr. Bernardo que fizesse tambem a peregrinação a S. Thiago. S. Francisco recolheu ao Valle d'Espoleto. Estavam ahi em

logar deserto elle, Fr. Maceu, Fr. Elias e outros, os quaes todos se guardavam de perturbar ou estorvar S. Francisco da oração; e isto faziam-n'o elles pela reverencia entranhada que lhe consagravam e porque sabiam que Deus lhe revelava coisas altamente importantes em suas orações.

Succedeu um dia que, estando S. Francisco em oração na matta, um mancebo gentil, trajando á guisa de viajante, veio á portaria, e bateu tão depressa e rijo, e por tanto tempo que os frades ficaram muito admirados de tão insolito bater. Acudiu Fr. Maceu, abriu a porta e disse ao joven:

— D'onde vens, filhinho? certo ainda aqui não vieste, attento o modo desusado de bater á porta?

— Então, como é de uso bater?

— Bate tres vezes, retorquiu Fr. Maceu, espaçadamente umas após outras; depois espera que o irmão porteiro diga a nosso Padre e venha ter comtigo: se n'este intervallo de tempo não vier bate outra vez.

— Não m'o soffre a pressa, por isso bati assim de rijo; tenho uma viagem a fazer e vim aqui para fallar a Fr. Francisco; mas é agora na matta em contemplação, e não o quero estorvar; mas vae e dize a Fr. Elias que lhe quero fazer uma pergunta, porque entendo que é muito sabio.

Fr. Maceu foi, e communicou a Fr. Elias o desejo do joven, e elle todo se escandalisou e não quiz ir; n'estes apuros Fr. Maceu não sabe que fazer, nem que resposta levar ao joven: porque, dizendo que Fr. Elias não podia fallar-lhe, mentia; dizendo que se havia tomado de colera, temia-se do mau exemplo.

Emquanto Fr. Maceu estava n'estas trepidações d'animo, o joven bateu á portaria como da primeira vez, e, volvidos instantes, tornou aquelle e disse-lhe:

— Desaproveitaste a lição que te dei no tocante ao bater á porta.

— Bem sei que Fr. Elias me não quer ouvir — replicou o joven — mas vae e dize a Fr. Francisco ao que vim; como não o quero impedir da oração, que me mande aqui Fr. Elias.

E então Fr. Maceu foi á presença de S. Francisco que orava na matta com o rosto levantado ao céo, e referiu-lhe o que se passára, e a resposta de Fr. Elias.

(Aquelle joven era Anjo de Deus em fórma humana).

S. Francisco sem mudar de logar, nem abaixar o rosto, disse a Fr. Maceu: Vae dizer a Fr. Elias que immediatamente se dirija á portaria a fallar com esse joven. Fr. Elias, recebendo a intimação de S. Francisco, endereçou-se á portaria de muito má catadura, abrindo-a com desapoderado impeto e estrondo.

— A que vens? bradou ao joven.

— Defenda-te Deus de soltar bridas á indignação como parece fazeres — observou o joven — porque a ira perturba o ánimo, e depois empece descernir a verdade.

— Vamos! o que pretendes de mim? Reconveio aquelle.

— Pergunto — obtemperou o joven — se ao cumpridor do Santo Evangelho é licito comer do que se lhe apresenta conforme a palavra de Christo a seus discipulos; e pergunto mais, se é licito a quem quer que seja apresentar qualquer cousa contraria á liberdade evangelica.

— Demais o sei eu — volveu Fr. Elias com sobrecenho — mas não é para te responder; segue teu caminho!

— Mais acertadamente do que tu dizo o não farias, posso eu responder a esta questão; ponderou o joven.

N'isto Fr. Elias entrado d'ira fechou furiosamente a porta e partiu. Depois, serenando entrou de pensar na questão proposta, e a duvidar de si para comsigo e achou que a não sabia solver; porquanto era Vigario da Ordem e tinha ordenado e formulado em constituição, além do Evangelho e Regra de S. Francisco, que frade algum na Ordem ousasse comer carne; de maneira que estes quesitos visavam expressamente o seu proceder. Pelo que, não atinando em esclarecer-se e ponderando a modestia do joven e que dissera que com muito acerto sabia responder á questão, tornou á portaria para ouvir o joven sôbre o assumpto que já lhe pesava na consciencia; porém já por alli não era, porque á soberba de Fr. Elias não diziam bem colloquios d'anjo.

Isto passado, S. Francisco, a quem tudo havia sido divinamente revelado, recolheu da matta e, em altas vozes reprehendeu Fr. Elias, dizendo: «Mal te vae, soberbo Fr. Elias, que afugentas de nós os anjos santos, os quaes véem para nos ensinar. Muito e muito me arreceio de que essa tua soberba não vá dar comtigo fóra d'esta Ordem».

E assim veio a succeder como S. Francisco havia dito: porque realmente morreu fóra da Ordem.

N'aquelle mesmo dia e mesma hora, appareceu o Anjo — e da mesma fórma — a Fr. Bernardo que, de volta de S. Thiago se achava á margem d'um grande rio. Saudou-o em sua propria lingua dizendo: Deus te dê sua paz, bom frade! O bom do Fr. Bernardo, attentando todo embevecido na belleza do joven e surprehendido de ouvir fallar a patria lingua, depois de lhe endereçar com alegre aspeito a mesma evangelica saudação, perguntou-lhe:

— D'onde vens gracioso joven?

— Do Valle d'Espoleto — acudiu o mancebo — onde está S. Francisco, a quem não pude fallar como desejava, porque estava na floresta a contemplar os divinos mysterios, e não quiz interrompel-o. São tambem n'aquelle logar Fr. Maceu, Fr. Gil e Fr. Elias; Fr. Maceu industriou-me no modo de bater á porta á maneira dos religiosos. Fr. Elias, por não ter dado resposta ás perguntas que lhe fiz, ficou muito pesaroso, tornando por isso á portaria para ouvir-me e vêr-me, o que não conseguiu todavia. Depois accrescentou: porque não passas para a margem d'além?

— Porque me faz medo o impeto da volumosa corrente que vejo ante mim — observou Fr. Bernardo.

— Passemos dadas as mãos — volveu o anjo — nada de trepidar; e pegando-lhe da mão, n'um volver d'olhos o poz da outra margem. Então conheceu Fr. Bernardo que era um anjo de Deus o que se lhe apparentava joven, e com reverencia summa e jubilo disse em alta voz:

— O Anjo bemdito, dize-me o teu nome!

— Porque desejas saber meu nome, se é maravilhoso?

E n'isto desappareceu, deixando Fr. Bernardo banhado de consolação tamanha que toda a viagem se lhe tornou ligeira e deleitosa.

Chegando ao logar onde estava S. Francisco com seus companheiros, relatou-lhe por meudos tudo o que passára, e vieram ao conhecimento de que era o mesmo anjo o que lhes apparecera em identico dia e hora.

(Continúa.)

Pensamentos

Façam o que quizerem: em quanto se não cuidar effectivamente na educação da plebe, assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadeia das desordens, que desafiam a nossa magua: porque emfim é grande loucura esperar que venha a ser melhor a geração futura, se lhe não fornecermos outros recursos que não teve a nossa.

D. Fr. Caetano Brandão.

Considero as dignidades como algumas syllabas mais para um epitaphio Se o homem ha-de ficar soterrado debaixo das inscripções da campa, onde ha n'isto motivos de vaidade?

O Papa Ganganélli.

O melhor livro de moral é a consciencia; mas nenhum ha que menos consultado seja.

Todas as outras leis, que necessariamente tem reinado sobre a terra, condemnaram os crimes, mas a sua acção não ia mais além. E que auctoridade tinham ellas para prohibir? — A lei de J. Christo tem outra amplidão: prohibe não só o peccado mas quanto a elle possa conduzir. E' lei collocada á entrada do coração, como inflexivel guarda, que repelle até mesmo a idéa de peccar. Quem foi pois, o assombroso legislador que usou dar leis ao pensamento? Que outro, que não fôsse Deus podia dictar este admiravel preceito — *Não desejarás?*

Luzerne.

Desgraçado, desgraçado do atheu! Ralado pela fome e pela sêde, busca alimento, busca o leite que amamenta todas as creaturas; mas no meio do tenebroso vacuo, aonde se atirou, não alcança nem comprime senão os peitos áridos da morte.

Lamennais.

Sôam porque montam e valem, emquanto vivos os grandes, mas a memoria, que d'elles fica em acabando, o propheta a comparou ao rasto ou signal, que o som no ar deixa depois que passa.

P.e Lucena.

ANECDOTAS

Passeando Henrique IV por uma das galerias do Louvre, deparou com um desconhecido, que contemplava as obras de arte, e travando conversação com elle, perguntou-lhe se estava ao serviço d'um grande da côrte.

— Não sirvo a outro senhor que a mim mesmo, respondeu com orgulho o desconhecido.

— Pois então, concluiu o monarcha, sempre tendes um amo muito estupido.

Um segador pede trabalho.

— Sou homem que nunca me canço, dizia elle.

Meia hora depois vae o dono da seara vêr em que pontos iam os trabalhos, e encontra o cegador deitado.

— Que é isto? já estaes a dormir? Não dizeis vós que nunca vos cançaveis?

— E' verdade, sim senhor: não canço facilmente porque me encosto de vez em quando. D'outra sorte tambem cançaria como os outros.

✦

Em 1868 abriram os protestantes uma capella n'uma cidade do reino visinho, e aconselharam seus adeptos que levassem lá todos os seus filhos para sêrem baptizados, o que effectivamente algumas mulheres praticaram.

Entre estas apresentou-se um dia uma, levando nos braços uma creatura de Deus coberta com um pequeno véo. Mandou-a descobrir o ministro para lhe deitar a agua, mas qual não foi a sua surpreza dando com um pequeno macaco!

— E' isto que hei de baptizar? Aqui só se baptisam racionaes.

— Para racionaes, disse então a mulher, tenho lá a parochia. Aqui como não se faz mais que arremedar, grande honra é baptizar macacos.

✦

No claustro do mosteiro do Carmo em Lisboa, via-se n'uma campa o epitaphio seguinte:

Aqui jaz Pedro Cegú
Que teve muito dinheiro,
E por amigos ficou nú:
Eil-o aqui jaz sem dinheiro.

E defronte do altar mór:

Esta é uma sepultura,
E debaixo d'este penedo
Está Antonio de Macêdo
Em pó e cinza escura.
Foi fidalgo muito nobre,
Rico abastado do mundo,
Emfim que cá deixou tudo,
E aqui está muito pobre.

E' de seus herdeiros. Falleceu na era de MDLXV annos.

Leituras amenas

OS COELHOS DE S. DIOGO

QUANDO, em dias que já lá vão, eu percorria, ávido de impressões, esses archivos e bibliothecas, desempoando aqui amontoados, bolorentos e mal cheirosos pergaminhos, resuscitando acolá do seu abandono obesos infolios, meio roidos da traça e a desconjuntar-se de velhos, tomando sempre apontamentos para os meus trabalhos litterarios, dei um dia em certa livraria — era a officicina de um fogueteiro — com um calhamaço, d'esses de ajoujar, impresso com aquella formosa clareza, aceio e simplicidade antigas, já sem capas, meio frontespicio comido, e convertida em viveiro de traças a outra metade, na qual, ainda assim, consegui lêr ou decifrar o seguinte:

«*Cro(n)ica da O(r)dem de Nosso Serafico Padre S(a)n Fran(cis)co* e... o resto estaria no estomago dos ratos e das traças; não pude adivinhar o que dizia.

Decifrar metade d'esse titulo-frontespicio e estremecer-me o coração, foi obra d'um instante.

— *Eureka!* Dei com um thesoiro! — murmurei entre dentes; é impossivel que não haja aqui muita coisa rara, original, deliciosa.

— Olhe lá, mestre: quer desfazer-se d'isto?

— Com muito gôsto, senhor; se me dá para comprar o dôbro de papel para embrulhar bombas, está o negocio feito.

— Quanto vem a ser isso?

— Ahi.... dois patacos, o dôbro do custo.

— Tome lá dois tostões, e mande-me levar isso á rua de ***

— Será servido como deseja. Mas leve mais, senhor...

— Hoje basta-me isto. Voltarei outro dia, que não me desagrada a sua officina.

E não esperei por mais nada; satisfeito e contente, que nem os rapazes quando estreiam barrete novo, saí logo atraz do official de fogueteiro que me levava o meu thesoiro. Chegando ao meu escriptorio, tratei de sacudir o pó ao monumental infolio, pondo em debandada o enxame de sevandijas, que largavam a pousada amaldiçoando minha sacrilega temeridade; e ia dizendo de mim para comigo: verás quantas coisas deliciosas tens a saborear a troco d'uns miseraveis dois tostões. S. Francisco foi o mais inspirado poeta da Umbria; dotado d'um estro divino, fez vibrar em magicos accentos a lingua italiana, a que melhor expressa os encantos e doçura do sentimento e da natureza. Esse fôgo sagrado herdaram-n'o os filhos do Seraphim de Assis, e assim é

indubitavel que hei de encontrar aqui poesia, inspiração, manifestações surprehendentes d'esse mystico naturalismo e realismo da innocencia.

E é que me não enganei.

Succedeu-me tal qual eu suppunha.

Vinte e quatro annos lá vão já, após o meu ditoso achado; ha muito serão já mortas as traças que eu obriguei a debandar em procura de novo abrigo; morreu tambem o fogueteiro, que tantas perolas de nossa antiga litteratura arrojou ao ar, a dissiparem-se no espaço convertidas em fumo; eu porém conservo ainda bem gravadas na alma e no coração mil scenas encantadoras, que, n'aquelle ditoso infolio, roubei aos vermes destruidores, á industria do pyrotechnico e á mesma acção destruidora do tempo.

Vá uma, para exemplo, de entre tantas. Trazia a seguinte epigraphe: — *S. Diogo sendo hortelão no convento de Alcalá de Henares, castiga a uns coelhos que lhe comiam as alfaces dos religiosos, e faz com que abandonem a horta para sempre —;* titulo que, de si, diz bastante; mas eu quero consignar o modo como S. Diogo penitenciou os irracionaes Repito que são passados vinte e quatro annos, e advirto que já não mora em meu poder o curioso infolio, que teve a honra de passar a melhores mãos; não me é possivel, por isso, acompanhar fielmente a letra da chronica, mas serei fiel em reproduzir o fundo historico, encerrado no mencionado titulo.

*

S. Diogo, affirmava o livro, era um varão de extatico espirito, que possuia um coração de continuo abrazado nas chammas intensas d'aquelle amor divino que anceia o silencio da solidão, para desafogar-se do vulcão de affectos que esse amor accende no peito que o possue. Para conseguir essa desejada solidão, o Santo, quando morador em Alcalá, escolheu voluntariamente o officio de hortelão, pois sobre humilde que é e estar relacionado com mil objectos, as sementes, as plantas, a rega, as flôres, os fructos, etc. coisas que elevam ao céo as almas contemplativas, — tinha para S. Diogo singular attractivo, poisque, em tal mistér, servia elle d'um modo particular aos evangelicos obreiros da vinha do Senhor, proporcionando-lhes o alimento e regalo do corpo em troca do pão da divina palavra que distribuiam ás almas.

Succedeu pois que, entre as muitas plantas que na horta cultivava, a uma tivesse o bemdito Santo singular affeição, pelo muito que a seus religiosos agradava. Eram alfaces, que deviam de ser boas, pois os coelhos tanto se lhes affeiçoaram que não passava noite em que não as provassem, deixando-as—claro está—incapazes de servirem para o uso a que o Santo as destinava.

Muito pesar lhe dava isto, pois sabia o appetite com que no verão as comiam os religiosos. Por outra parte não se atrevia a suspeitar — tanta era sua ingenuidade! — que fôssem animaes creados por Deus os que aos servos de Deus tanto damno causavam. Os frades, porém, lhe repetiam mil vezes que eram os coelhos os auctores d'aquelle attentado; quiz o Santo convencer-se d'isso, para, caso fôsse verdade, lhe pôr o devido remedio.

E assim foi que, em virtude da faculdade que tinha para ficar-se pela noite no horto em oração e contemplação, se poz uma noite a orar junto do canteiro onde tinha as alfaces, á espreita de quem fôsse o ratoneiro; quando mais embevecido estava, sendo já entrada a manhã, sentiu junto de si um leve rumor; levantou-se, e, em attitude de poder alcançar d'um só lance de olhos toda a horta, deu vozes aos ladrões. Os coelhos, que as ouvem, convencidos de que não estão sós, precipitam-se em debandada pelos quatro angulos da horta, procurando evadir-se ao perigo que aquellas vozes implicavam.

— Ah, ladrões! A'manhã volvereis!... Eu vos espero...

No dia seguinte não faltaram. A's vozes do Santo intentaram evadir-se outra vez; mas não lhes valeu sua muita agilidade e presteza, pois elle, em nome de Deus lhes mandou que se detivessem.

— Irmãosinhos! — lhes bradou ao vêl-os correr espavoridos. Irmãosinhos! alto ahi: venham cá... para dizer a sua culpa e receber a penitencia por tanto mal!

Pobres creaturas de Deus! Como envergonhados e corridos, vieram todos a um e um, á presença do Santo, e se prostraram a seus pés, como quem ainda n'elle reconhecia o rei da creação!

Haviam de ser uns cinco ou seis; quan-

do os teve a todos reunidos, e em attitude de implorar perdão; tratou, em termos severos, de convencêl-os n'um longo discurso, de que haviam obrado mal, tornando-se merecedores de grande castigo. «Não julgava eu, irmãosinhos, que tão ingratos havieis de ser a vosso Deus e Creador, que o é tambem dos pobres Filhos de S. Francisco; nem poderia conceber que tão desattentos chegariam a ser uns pobres coelhinhos com os Ministros do Altissimo, que hão de mistér o alimento e regalo do corpo, a fim de poderem repartir ás almas de Jesus Christo os alimentos e regalos do espirito».

— Não sabias tu isto? — dizia a um d'elles, puchando-lhe as orelhas.

E o animal gemia lacrimoso, como para responder: *Não... Padre.*

— Pois todos deveis saber que os religiosos téem necessidade da salada, e que a mim me custava muito trabalho o cuidal-a. Quão pouca é vossa consideração!

*

Entretido em tão sérias reflexões estava o Santo, quando chegaram o cosinheiro e refeitoreiro, com outros officiaes do convento, buscando o hortelão, para que lhes désse o necessario a seus respectivos mistéres. Estupefactos se ficaram ao vêl-o rodeado d'aquella pequena familia montezina, que tão attenta o ouvia.

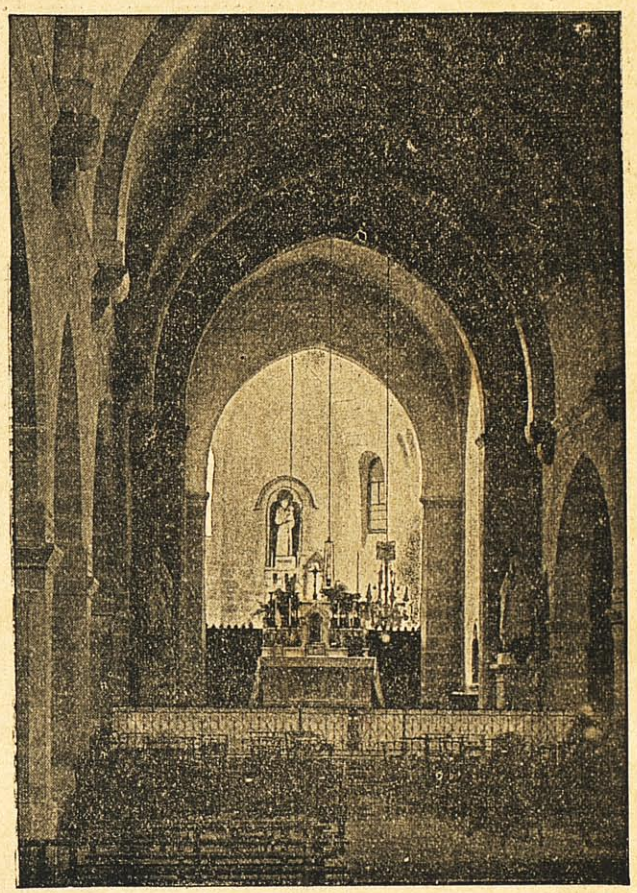
— O' Fr. Diogo! e estes coelhos?...

— Estes irmãosinhos, replicou o Santo, commetteram um muito grave peccado os dias passados, e hoje, posto que de má vontade, véem a receber penitencia; e certo que lh'a hei de impôr bem grande...

— Em alguma coisa ha de sempre manifestar-se a sua muita simplicidade, irmão hortelão; deixe-se de penitencias a irracionaes, que d'isso nada entendem e não as hão de cumprir. O melhor será que paguem com a vida, e, já que na horta do convento engordaram, na cosinha do convento vá luzir a sua gordura.

— Por fé minha, acudiu o cosinheiro, que os religiosos de melhor vontade comeriam os coelhos do que as alfaces; e com estes seis, irmão, eu me comprometto a fazer coisa chibante. Vamos: com elles ao sacco...

E, dizendo e fazendo, no sacco ia a metter já o que mais lhe ficava á mão, se o



O ALTAR-MÓR DA EGREJA DE SANTO ANTONIO EM BRIVES (FRANÇA)

pobre animalzinho, não houvera corrido a refugiar-se detraz do Santo, escondendo-se nas faldas do habito. Fr. Diogo o tomou nos braços, e volveu aos officiaes:

— Matal-os... não! Tal não fará nunca este filho de S. Francisco; seu peccado não merece tão grande pena. Comeram as alfaces, mas eu os hei de castigar e elles não volverão mais; não é verdade?... (di-

zia volvendo-se aos coelhos). Pois bem: aguardae aqui, emquanto vou a despachar aos irmãos, e prestes serei logo a despachar tambem os amigos das alfaces.

Passaram como dez a quinze minutos, e já o hortelão estava de volta, entre os penitenciados, que juntos o esperavam sem mover-se do logar onde os deixára o Santo.

— Vamos á disciplina, disse sentando-se no meio d'elles. Já... Vamos....— Qual ha de ser o primeiro? Vem tu, meu velhaco, pois és o maior, e certamente com teu mau exemplo ensinaste aos demais a praticar tão feia acção; anda, que aqui está o látego para o castigo.

E, levantando-o no regaço e tomando o cordão: *trás tris... trás tris... trás tris...* lhe descarregou seis pequenos açoites, não sem dizer-lhe juntamente que era um ladrão, um malfeitor, um tratante, desobediente e inconsiderado, com outros improperios do estylo.

Os outros que ouviam os estalidos do cordão, e viam o encolhimento e tremor com que seu companheiro no crime recebia a penitencia, tremiam tambem, e deixavam escapar umas sentidas vozes e gemidos, aguardando o fatal momento. De feito: S. Diogo, castigado já o primeiro, o poz de parte, e ia já a tomar o segundo, quando aquelle... pés, para que te quero... desata em vertiginosa corrida a pôr-se em salvo do contacto da funesta corda.

— Alto!... alto!... volta aqui, meu tratante! — bradou o Santo. — Como se entende isso?!... Querias então ficar-te só com a penitencia!... E a promessa de mais não voltar ás alfaces?... Já a fizeste, porventura?... Com que então, não querias dar a tua palavra! Pois aguarda ahi, que irás com os outros; e antes d'isso, eu te imporei o preceito: pobre de ti se o quebrares!

Um e um fôram os demais recebendo os seis açoites, e ouvindo da bocca do penitenciario eguaes queixas e doestos, pelo mal que na horta haviam causado. E, terminada a solemne disciplina, S. Diogo se levantou, e, em tom sério e muito grave, do seguinte modo lhes fallou:

«Já estaes castigados, irmãosinhos, e não tanto como merecieis, pois bem vistes como vos queriam matar; mas, por isso mesmo, quero eu que de hoje em diante sejaes bons e comedidos, e não molesteis, com vossas rapinas, aos servos do Senhor; e, para que isto sempre tenhaes presente e nunca o esqueçaes, eu agora, em nome de Deus e da Virgem Senhora sua Mãe, vos mando por obediencia e para sempre, que nem vós, nem vossos companheiros, nem vossos filhos, nem os filhos de vossos filhos, ouseis nunca jámais a entrar na horta dos filhos de S. Francisco».

Fôram-se os coelhos, muito envergonhados e corridos; e rezava a Chronica ser fama corrente em Alcalá de Henares, que, emquanto no Convento viveram frades, não voltaram mais á horta os coelhos.

S. R.

CULTO DE S. ANTONIO

Pedido. — Aos Reverendos Directores diocesanos e locaes da Pia União rogamos encarecidamente queiram remetter com a maxima urgencia a este centro nacional, noticia tanto quanto possivel circumstanciada do movimento da Pia União e Pão dos Pobres, nos respectivos centros commettidos a seus cuidados, durante os dois passados annos de 1897 e 1898. E' esta uma condicção expressamente exarada nos respectivos diplomas de aggregação: não se póde preterir o seu cumprimento, sob pena de nos ser impossivel enviar a Roma o relatorio circumstanciado e completo da nossa obra em Portugal.

Acceitaremos tambem com gratidão quaesquer outros esclarecimentos sôbre o *Pão dos Pobres* ou, em geral, sôbre a devoção a Santo Antonio, nos logares onde não esteja ainda canonicamente erecta a Pia União, uma vez que esses esclarecimentos procedam de pessoa de inteira confiança.

Por esta occasião advertimos que, de presente, não temos disponivel nenhum diploma para novas erecções de centros da Pia União, e por este motivo não podemos satisfazer alguns pedidos que nos téem sido feitos. Já os requisitamos ao centro primario, em Roma, e crêmos não tardarão.

Toda a correspondencia ao R. P. Director Nacional da Pia União. Montariol — Braga.

PORTUGAL

Novos membros da Pia União

Inscriptos depois de publicado o numero passado:

Diocese de Lisboa	44
Ericeira	40
Senhor Jesus do Carvalhal	4

Diocese de Braga		88
Serzedêlo	20	
Rendufinho	13	
Castellões	26	
S. Miguel do Monte	2	
Thaide	8	
Villela	2	
Sobradello	7	
Parada de Baixo	1	
Diocese de Coimbra		33
Borralha	33	
Associados do numero passado		127:177
Total dos associados		127:342

BRAGA

Em janeiro entraram no cofre de Santo Antonio 102 cartas: d'estas, 78 pediam varios favôres e 24 davam, por mercês recebidas

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Agradece-se ao bom Santo o exito feliz d'um negocio, para o qual foi invocado o seu valimento e patrocinio.

— Meu glorioso S. Antonio, venho cumprir a promessa que fiz de publicar a graça que me concedestes; eu vol-a agradeço muito penhorada e peço-vos continueis derramando sobre mim as graças de que eu tenho necessidade, sobre tudo a de uma santa morte nos braços de Jesus e Maria. — Uma vossa devota e afilhada — *L. V. B.* — Porto.

— Meu glorioso S. Antonio, venho agradecer-vos a graça que me fizestes no dia 8 de dezembro. Estando meu caro pae quasi agonisante e já não havendo esperanças que melhorasse, pedi á Virgem da Conceição que em honra de Santo Antonio permittisse que meu pae recuperasse saude promettendo juntamente publicar na *Voz* este grande milagre. E como alcancei o que desejava venho cumprir minha promessa. — Uma devota de S. Antonio — *M.*

— Andava eu em viagem com o exc.mo snr. arcebispo da Bahia, e como se perdesse um objecto seu, de valor, que estava sob minha guarda, invoquei a S. Antonio e entre outras promessas fiz a de publicar esta noticia na *Voz de S. Antonio*. No mesmo dia me foi entregue o objecto. Mil graças a S. Antonio. — Bahia, 31 de março de 1898. *Conego A. M.*

— Meu glorioso S. Antonio, de novo venho aos vossos pés para vos agradecer a graça que me alcançastes de Deus, de me restituirdes a minha saude que tinha perdido. Venho tambem cumprir a promessa que vos fiz para o Pão dos vossos pobrezinhos, e agora, meu glorioso Santo peço-vos que peçaes a Deus me faça digna de vos gozar no céo. Assim seja.

— Meu glorioso S. Antonio, desculpae-me a demora que tive em cumprir a promessa que vos fiz, mas vós, meu querido protector, bem sabeis as causas. Agradeço-vos do intimo do meu coração o favor que me fizestes, ficando approvado no 2.º anno de theologia e o outro que vos pedi. Ahi vos remetto os 500 réis que vos prometti e peço-vos, meu querido Santo Antonio, que continueis a proteger-me que eu nunca me esquecerei de vós. — Famalicão — *H. A.*

— Meu glorioso S. Antonio, peço-vos perdão da demora que tenho tido em corresponder ao vosso beneficio e á promessa que vos fiz e que ha mais de seis mezes não satisfiz, dando a esmola de 500 rs. para os vossos pobrezinhos. Vindo hoje sem contar a esta cidade e lembrando-me que ainda não tinha satisfeito, venho cumpril-a ainda que mal, do que vos peço desculpa. Sou todo vosso no Coração de Jesus. — *A. de B.*

— Oh glorioso S. Antonio, eu vos agradeço o terdes dado saude á minha filha. Aqui vos remetto 500 réis que vos prometti, e vos peço que a abençoeis e continueis a dar-lhe saude, que vos prometto de nunca me esquecer de vós. — *R. A.*

— Oh S. Antonio bemdito, valestes-me na minha afflicção, dando saude á minha filha que se achava doente. Eu vos agradeço e vos envio o que vos prometti. — *E. P. F.*

— Glorioso S Antonio, aqui vos remetto a quantia de 500 réis que vos prometti para o Pão dos vossos pobres, em reconhecimento das melhoras da minha esposa. — Braga — *B. G. S.*

— Oh meu padre S. Antonio, eu vos agradeço o favor que me fizestes, em fazer que meus filhos ficassem approvados nos seus exames, por isso vos offereço a esmola de 1$000 réis, e peço-vos que os ajudeis para o futuro.

— Meu bom S. Antonio, agradeço-vos muito a graça que me concedestes. Aqui vos trago o que vos prometti para o Pão dos pobrezinhos.

— 2$000 reis em ouro e uma libra tambem em ouro offerecidos por uma devota muito grata ao glorioso S. Antonio para o Pão dos seus pobres. Muito obrigada querido Santo por tantos favores.

— 25$000 réis, promessa feita a S. Antonio por escapar de uma molestia grave.

— Para o Pão de S. Antonio, em cumprimento d'um voto 10$000 réis.

— Pede-se para ser publicado na *Voz de S. Antonio* um agradecimento por um milagre feito pelo mesmo Santo, como foi promettido.

— Rev.º Padre S. Antonio, agradeço-vos o milagre que me fizestes e peço-vos me perdoeis a demora. Tambem já cumpri o que vos prometti, como vós bem sabeis. Agora peço-vos, me alcanceis da Virgem Santissima a graça, de eu e aquellas pessoas, que vós sabeis, fazermos as nossas confissões bem feitas, de modo que sejam agradaveis a Deus e vivamos tão puros, que depois da morte vamos gozar de Deus por toda a eternidade. — *Uma vossa devota.*

—... Incluso envio 2$500 réis da promessa d'aquella esposa que o anno passado enviou egual quantia, promettendo dal-a todos os annos se o marido tivesse melhoras e não fôsse necessario operar-se O nosso bem amado Santinho attendeu-a, e, por minha intervenção, envia essa quantia. Uma outra esposa envia 500 réis, porque o marido passa bem presentemente, havendo estado o anno passado muito mal, e prometteu diante da imagem de Santo Antonio aquella esmola, vindo hontem entregar-m'a com muito prazer.

Vão mais outras esmolinhas de diversos agraciados a quem Santo Antonio tem attendido em tudo que lhe pedem. — Somma a conta das esmolas recebidas: 5$000 réis *Bragança: T. J. J.*

GRANJA

Meu glorioso e grande Santo Antonio, ve-

nho agradecer-vos muito reconhecido as grandes graças que me alcançastes da Divina Misericordia e publical-as no vosso jornal (como vos prometti). Uma foi a cura de uma pessoa de familia; outra o livrar tambem uma pessoa da familia, da epidemia que a rodeava; o livrar-me e ás companheiras, das companhias que tão prejudiciaes nos seriam, e mais a de livrar aquella pessoa dos encommodos da justiça, que lhe podia causar aquelle falso testimunho. Ai meu querido Santo, como me tendes sempre attendido em minhas afflicções! sêde sempre bemdito e continuae sempre a proteger esta de todas as vossas devotas a mais indigna. — *E. C. T.*

— Receberam-se 30$500 réis para o pão dos pobres, pelas seguintes graças:

«... por permittir que minha irmã doente viesse a casa da mãe; por haver escapado d'um ataque uma pessoa de minha amizade; por se me haver deparado um dinheiro; por um meu sobrinho haver escapado d'uma operação muito difficil que fez; e por haver um animal escapado d'uma molestia grave que teve». — *D. E. A. C.* e *D. J. F.* (Fraga).

— Envio 1$300 réis para o pão dos pobres de Santo Antonio bemdito. Fazei o que vos peço, meu Protector e milagroso Santo, pois só em vós confio, para me acudirdes e valerdes nas minhas afflicções, como sempre me tendes attendido despachando as minhas petições em meu favor. Despachae estas duas que vos faço, meu milagroso Santo, que eu vos fico dando para sempre 2$000 réis por anno. — *Uma vossa devota.*

LISBOA

CENTRO DOS ANJOS

Mercê de Deus, os nossos exercicios têem sido sempre feitos como de costume e com fervor, e em todas as terças-feiras se distribuiu *o pão* aos pobrezinhos depois da *prática* do costume.

No mez de dezembro o *cofre* das esmolas rendeu 19$000 e no de janeiro 31$000.

No cofre das *petições* havia 20 cartas pedindo diversas graças, e no dos *agradecimentos* 15 agradecendo differentes beneficios. Eis algumas de

ACÇÕES DE GRAÇAS

Meu bom Santo Antonio. Agradeço-vos o terdes-me feito encontrar o sacco de roupa de *valor* que perdi quando voltava de Peniche para Lisboa. Ahi vos entrego a esmola que vos prometti. — *A.*

— Meu glorioso Santo Antonio. Aqui vos entrego a esmola que prometti pelo bom exito do exame dos meus tres discipulos e vos agradeço. Continuae a proteger-me e abençoae e vigiae o meu collegio. — *P. C.*

— Bom Santo Antonio. Aqui venho lançar no vosso cofre a esmola de 500 réis que prometti para o pão dos vossos pobres, e agradecer-vos o beneficio que me alcançastes fazendo que o meu negocio fôsse resolvido só pelo juiz não sendo precisa a habilitação, poupando-me por este motivo muito trabalho e grande despeza. — *M. de S. A.*

— Meu querido Santo Antonio. — Perdoae-me a grande demora em cumprir a minha promessa; agradeço-vos muito a graça alcançada e rogo-vos que peçaes a N. Senhor que m'a conceda sempre até ao fim da minha vida. Remetto-vos a esmola promettida para os vossos pobrezinhos, e virei agradecer-vos e dar-vos a mesma esmola todos os mezes por espaço d'um anno. Não vos esqueçaes de mim — *Uma filha de S. Francisco.*

— Glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos o favor que me fizestes hoje 2 de janeiro e venho dar-vos a esmola que prometti de 1$200 réis para o pão dos vossos pobrezinhos; continuae a proteger sempre o meu filhinho que eu prometto dar-vos d'aqui a um mez mais 1$000 réis para os vossos pobres. — *Uma filha de Maria.*

Pede-se 2 A. M. por duas necessidades, e que roguem pelos nossos associados defunctos.

LEIRIA

N'este mez fez-se a reunião dos devotos e pobres de Santo Antonio, segundo o costume. Depois de se rezar a corôa de Nossa Senhora e a Ladainha com a maior reverencia, bem como a oração indulgenciada de S. José, rezaram-se varias orações a Santo Antonio para o louvar pelos beneficios que fez e continúa a fazer, e pedir-lhe continúe a beneficiar alguns devotos que ainda não fôram attendidos.

Em seguida houve pratica sobre o Evangelho do dia: dois milagres, um do leproso que orando a Jesus pediu que o curasse; o outro do creado do Centurião, que em um momento recuperou a saude, por vêr o Senhor tanta fé no Centurião. Mostrou-se que se a lepra é a doença que torna o corpo disforme, medonho e nojento, ainda isto não é nada, comparado com o miseravel estado da alma, onde entra a lepra do peccado. E mostrou-se mais que, para acolher de Deus favoravel despacho ás nossas supplicas, era necessaria uma fé ardente e perseverante, uma confiança humilde e amorosa, etc.

N'este mez distribuiram se 165 pães, algumas mantas e varias esmolas em dinheiro.

Cartas 8; esmolas 16$740 réis.

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio: Agradecendo-vos a graça que me fizestes, ahi vos deixo uma esmola para o pão dos pobrezinhos que vós tão gloriosamente protegeis, e vos peço me protejaes... — Uma vossa devota. *B. S. J. G.*

— Bemaventurado Santo Antonio: Agradeço-vos a graça que me concedestes melhorando-me da grave enfermidade de que fui accommettida e cumprirei fielmente a promessa que vos fiz dando todos os mezes 500 réis para o pão dos vossos queridos pobrezinhos.

Rogo-vos, pois, meu Bemaventurado S Antonio, que continueis a dispensar-me vosso grande patrocinio junto do Menino Jesus e sua Santissima Mãe, dando-me saude a meus filhos e minha familia. — Uma humilde devota — *M. J.*

— Meu glorioso Santo Antonio: Venho agradecer-vos o grande beneficio que me fizestes, em uma grande afflicção em que me vi. Tendo perdido uns objectos que tanta falta faziam promettendo eu, se vós fôsseis servido que eu os achasse,

de vos dar uma esmola conforme eu podesse para o pão dos vossos pobrezinhos, como fui ouvido, venho hoje reconhecida a vossos pés agradecer-vos tão assignalado favor.

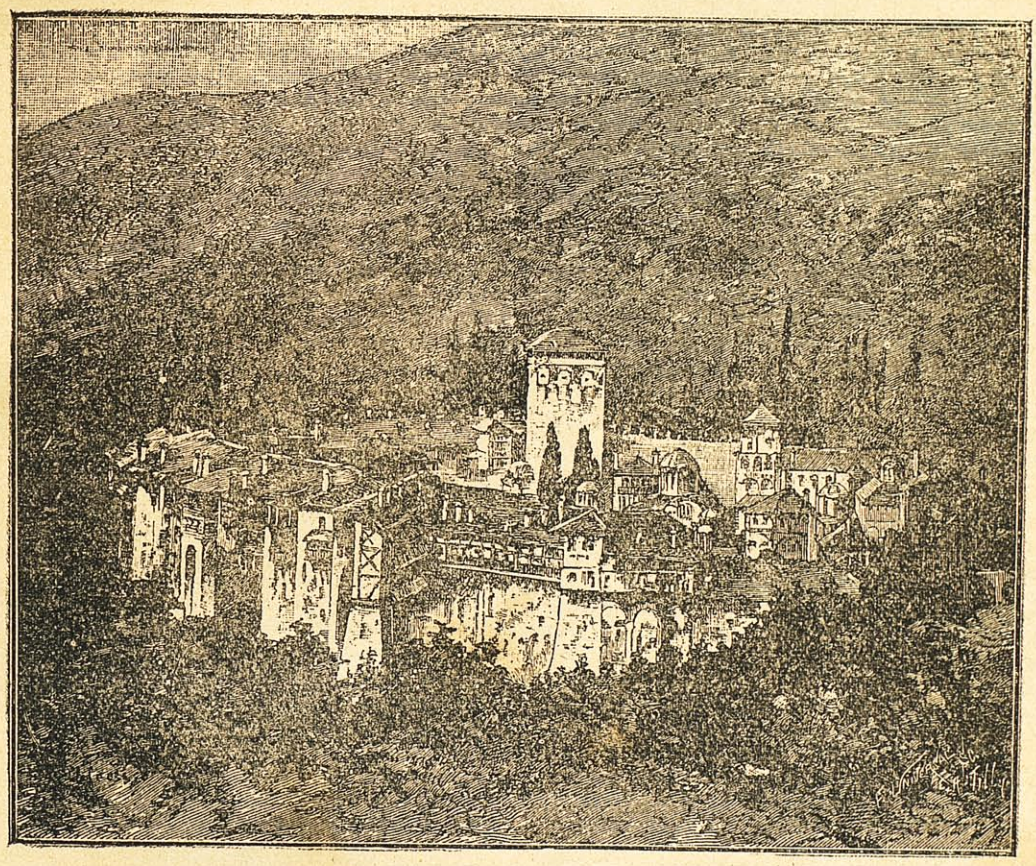
ERICEIRA

Já ha mais tempo deveria ter começado as minhas pequenas correspondencias para a *Voz de Santo Antonio*, e tanto mais quanto n'esta freguezia se acha instalada canonicamente, pelo muito rev.º Fr. José da Mãe de Deus, a tão sympathica

A festa correu bem e devido á generosidade d'algumas damas, que custearam as despezas da mesma festa, fôram distribuidos em seguida á missa cantada e depois do eloquente sermão de sua rev.ª o snr. Fr. José da Mãe de Deus, 100 pães de kilo a 100 pobres da freguezia.

A sementeira foi feita por mão de mestre e a semente abundante, por isso espera-se com bom fundamento, que a colheita lhe seja proporcional.

E na verdade a commissão formada pelo digno installador para dirigir e administrar tão boa Obra está satisfeitissima com o Santo Thau-



O Convento de Chilandar (Asia Menor)

quão bella devoção da Pia União e do Pão dos Pobres de Santo Antonio; mas ainda começo a tempo.

Foi o dia de todos os Santos, 1.º de novembro do anno proximo passado, o escolhido para a instalação da Obra do nosso Bom Santo. Bem acertado e escolhido em todo o sentido da palavra, e em certo modo abençoado pelo Santo, pois d'então para cá tenho experimentado a influencia da sua protecção e a força do seu valimento perante o Todo Poderoso.

A Elle por isso me entrego todo e tudo, e lhe rogo que não cesse de alcançar muitas e muitas graças e de toda a especie para todo este bom povo e excellente freguezia.

maturgo e reconhecidissima para com a protecção do céo.

A imagem do Santo é bem delineada, de bom artista e representa a inspiração de Murillo; é lindo e bello, como linda é a devoção que se lhe dedica e bella a protecção que nos dispensa; a Sua Em.ª o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa é que se deve a alta fineza, d'esta freguezia possuir hoje uma imagem tão rica e tão bella.

Já por tres vezes se abriram os cofres encontrando-se n'elles:

1.ª vez a 29 de novembro de 1898 — 9$300 réis e cincoenta e cinco bilhetes de petições e acções de graças.

2.ª vez a 27 de dezembro de 1898 — 5$405 rs.

e trinta e seis bilhetes de petições e acções de graças.

3.ª vez a 31 de janeiro de 1898 — 8$275 réis d'onde se vê que se abrem todas as ultimas terças feiras dos mezes para nas 1.as dos mezes seguintes se darem 50 pães de esmolas.

Das Petições apenas ahi envio duas ou tres para vêrem como aqui está arreigada a devoção a Santo Antonio, e como promette florescer tão Santa Obra (1).

Irmãos da Pia União tenho já 240 incluindo os nomes dos que fôram anteriormente, e ahi lhe envio agora mais uns poucos. O Bom e Querido Santo do meu nome se digne olhar misericordioso para este povo e seu humilde parocho Padre Antonio Maria dos Santos Portugal.

2-2-99.

Movimento da Pia União e Pão dos Pobres em Paderne durante o anno findo

Cada vez mais viva no coração d'este povo a devoção ao glorioso Thaumaturgo, praticamente affirmada pelo numero crescente d'associados da *Pia União*, pelo progressivo augmento das esmolas para o *Pão dos Pobres*, pela assistencia aos actos de culto em sua honra.

Tem-se feito regularmente todos os mezes a distribuição do pão aos pobrezinhos da parochia com bastante concurso de povo, fazendo sempre uma pratica relativa ao acto o muito Rev.º Prior que suggestivamente sabe enaltecer as virtudes preexcelsas do Santo.

Em agosto passado foi uma verdadeira festa solemne a distribuição do Pão. Orou o Rev.º Padre Fr. Domingos Sanches que tantos amigos conta n'esta provincia; fez a distribuição o Rev.º Prior acompanhado do novo, mas sympathico missionario Padre Fr. Antonio dos Martyres e d'um minorista d'esta parochia. A parte musical foi desempenhada com proficiencia por alguns seminaristas sob a regencia do minorista João Bernardo Mascarenha.

São já mais de 1:000 os associados da *Pia União*.

As esmolas que se encontraram na caixa do *Pão dos Pobres* fôram:

Em maio (primeira vez).....	3$020 réis
» junho.....	5$970 »
» julho.....	7$530 »
» agosto.....	8$735 »
» setembro.....	12$285 »
» outubro.....	12$360 »
» novembro.....	12$780 »
» dezembro.....	10$900 »
Total...	73$580 »

Viva o Santo portuguez!

ANGRA (AÇORES)

Escreve o nosso presado collega *O Peregrino de Lourdes*, em seu numero de 7 de janeiro:

(1) Estas petições fôram, por um equivoco, lançadas no respectivo cofre, em Braga.

PÃO DE SANTO ANTONIO

Floresce, graças a Deus e ao santo Thaumaturgo, esta abençoada instituição, que começou pela maneira mais humilde na egreja de S. Francisco, patriarcha dos pobres! Nunca pensamos que esta mimosa planta se aclimasse com tanta brevidade no nosso meio, onde já havia bastantes institutos de caridade.

E' mais um testemunho eloquente de que a caridade do Evangelho nunca cança.

O Pão abençoado de Santo Antonio está já matando semanalmente a fóme a muitos pobrezinhos, que nem de casa podiam sair a implorar uma esmola.

E o que mais nos consola é que este *pão material* vae sendo meio para se distribuir muito pão espiritual áquelles que, pela sua pobreza e miseria, não se atrevem a comparecer n'uma solemnidade, para ouvirem a divina palavra ou receberem os divinos sacramentos.

N'esta festa dos Santos Reis que fôram adorar o DEUS MENINO, guiados pela miraculosa estrella, para junto das palhinhas do presepe depositarem os seus presentes tão symbolicos — o *ouro* como a Rei, o *incenso* como a Deus e a *myrra* como a Deus-homem, não podiam os pobres de Santo Antonio deixar deser contemplados com o seu pão

E todos devem aprender dos *presentes* offertados pelos santos Reis o que precisam praticar para com o nosso Deus e para com os nossos Irmãos, principalmente para com os pobres.

O *ouro*, o mais precioso dos metaes, prega-nos a caridade, a mais preciosa das virtudes, que devemos tirar das minas do nosso coração, onde deve imperar sempre a fé mais ardente — O *incenso*, falla-nos d'aquelle DEUS MENINO que nos está pedindo o coração e todo o nosso amor pelos pobres e por isso quiz Elle nascer pobre.

A *myrra*, prega-nos a mortificação e a penitencia e recorda-nos a amargura de tantos pobres dulcificada pela caridade do Christianismo, que se multiplica indefinidamente, para valer a todos os que soffrem.

Bem azada, foi pois a festa d'hontem para a Pia União de Santo Antonio, associada á Ordem Terceira, distribuir pelos pobres 320 pães e com elles os conselhos mais salutares e santos, as lições mais amoraveis de virtude que de junto do altar do Santo fôram dirigidas áquella grande turma de pobres.

Bem haja quem teve a santa e feliz idéa de implantar entre nós a Pia União e o Pão de Santo Antonio. Mas é preciso que todos se convençam que estas esmolas não são como um lodo qualquer.

O Pão de Santo Antonio é occasião para se dar tambem o pão espiritual. E não se procedendo assim não se corresponde ao fim d'esta santa instituição.

Os cofres do Pão de Santo Antonio

Braga. — Em janeiro 325$200 réis. Juntamente 4$250 em oiro, e um annel do mesmo metal.

Mais se receberam, entre varias outras, as seguintes esmolas:

Snr. commendador J. F. de Moraes, a pedido da snr.ª D. T. R. d'Azevedo (Vallongo) 700 réis. — M. B. Duque (Abrantes) em nome de varias pessoas, 2$400 réis. — D. T. J. V. Granja (Bragança) em nome de varias pessoas 5$000 réis — D. R. E. da Graça (Borralha) por varias graças 1$100 réis.—D. E. Á. Camões e D. I. F. (Fraga) 30$500 — etc.

Leiria. — Em janeiro: 16$740 réis.

Ericeira. — Até 29 de novembro 9$300. — D'ahi a 27 de dezembro 5$405. — Até 31 de janeiro 8$275.

Paderne (Algarve). — Desde maio até ao fim de dezembro findo 73$580 réis.

Porto d'Ave. — Em dezembro: 9$890. — Em janeiro 21$440 réis, e algumas esmolas em generos.

Recommendações

Uma vocação religiosa (Lisboa).

Uma graça espiritual para uma pessoa que tem trabalhado muito por Santo Antonio.

A paz em uma familia.

Uma graça temporal.

E em geral, todas as necessidades recommendadas por escripto nos altares de Santo Antonio.

OS NOSSOS DEFUNTOS

Pie Jesu, Domine-Dona eis requiem-Amen.

D. Emilia de Mello Falcão Trigoso (Lisboa).

R. I. P.

Secção Scientifico-Litteraria

Aventura nocturna (1)

Era de noite, reinava a confusão, a desordem, o susto e a anciedade nos muros de Santarem; tres homens chegavam, por horas mortas, ao antigo mosteiro das Claras, davam á portaria um signal surdo e mysterioso; respondiam-lhes de dentro com outro egual; e d'ahi a pouco, sem rumor e com as mais escrupulosas precauções se abria quietamente a porta da clausura.

Os tres homens entraram, a porta fechou-se sobre elles do mesmo modo precatado.

Que será?

Os homens levavam uma especie de cofre que parecia conter preciosidades de grande valor: tal era o desvelo com que o resguardavam.

Ha um mysterio que se figura criminoso n'esta aventura. Mas os tempos são para tudo.

Era o anno de 1834.

Entremos n'esse convento das pobres Claras, tão afflictas e desconsoladas agora que as ameaçam de dissolução como aos frades.

Não será assim: aquellas instituições não mettem medo aos verdadeiros liberaes, e os outros lá téem o espolio dos frades para devorar; estão entretidos; as freiras salvam-se por ora.

Taes eram as esperanças dos tres homens que entravam a essas deshoras nos vedados precintos do mosteiro. Sigamol-os porém que é tempo.

Chegavam elles a uma pequena capella do claustro das freiras, fôram depôr sobre o altar o cofre que traziam e ajoelharam devotamente deante d'elle. Logo se ouviu ao longe o psalmear baixo e sumido de vozes femininas; e d'ahi a pouco, toda a communidade das Claras, de tochas na mão, em duas alas, e a abbadessa com o seu baculo atraz, entravam procissionalmente no claustro e se dirigiam á mesma capella.

O psalmo que cantavam era este:

(1) «Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, pulluiram o teu santo templo, pozeram Jerusalem como um granel de fructos.

«Pozeram os cadaveres de teus filhos de cevo ás aves do céo; as carnes dos teus santos ás alimarias da terra.

«O sangue d'elles derramaram-n'o como agua nos valles de Jerusalem; já não havia quem sepultasse.

«Estamos feitos o opprobrio dos nossos

(1) Para nos associarmos á commemoração do 1.º centenario do nascimento do immortal Garrett, que passou no dia 4 de fevereiro, publicamos no presente numero alguns extractos de suas obras.

(1) Deus venerunt gentes in hæreditatem tuam. Ps. 78.

visinhos ; o escarneo e a zombaria dos que vivem por nossos arredores.

«Até aonde, ó Senhor, te has de irar emfim ; e se ha de accender o teu zêlo com fogo ?

«Vérte a tua ira sobre as gentes que te não conheceram, contra os reinos que não invocaram o teu nome ;

«Que devoraram a Jacob e desolaram suas terras.

«Não te lembres de nossas iniquidades passadas e depressa nos alcancem as tuas misericordias ; já que tão pobres de mais estamos.

«Ajuda-nos Deus, salvador nosso ; e pela gloria do teu nome livra-nos, Senhor, amercea-te de nossos peccados por causa do teu nome».

Cantavam assim as pobres freiras, cantavam em latim que ellas mal entendiam ; mas dizia-lhes o instincto do coração, dizia-lhes a tão excitavel imaginação feminina, que era chegada a hora de se cumprir a seus olhos, e sobre ellas mesmas tambem, a tremenda prophecia do psalmo que entoavam.

Havia pois lagrimas n'aquellas vozes que assim cantavam, saíam d'alma aquelles sons e n'alma vibravam com profunda e solemne melancholia.

Chegadas junto á capella aonde estava o cofre, as freiras pararam conservando as mesmas duas alas da procissão e continuando no accentuado murmurio do seu psalmo.

Os tres vultos de homem permaneceram de joelhos curvados deante do altar.

Findou o psalmo e seguiu-se breve intervallo de silencio. Depois, os tres homens levantaram-se, e caindo-lhes para os lados as longas capas em que vinham involtos, viu-se que o do meio era um frade velho, magro, curvado e sêcco, trajando ainda, apesar da lei, o burel preto dos franciscanos e cingido com sua corda. Os outros dous eram dominicos e vestiam de preto e branco segundo as côres do seu tambem proscripto instituto.

O velho franciscano subiu com passo tremulo os degraus do altar, beijou o cofre que estava sobre elle, e voltando-se para a communidade que o contemplava em religioso silencio, disse com uma voz cava que parecia vir do sepulcro, mas accentuada e forte :

«Irmãs, vimos entregar-vos este deposito precioso. Deus não quer que os cadaveres de seus santos fiquem expostos ás aves do céo e ás alimarias da terra. Este é o santo corpo de um dos maiores santos que produziu esta terra de Portugal quando era abençoada. Hoje é maldita e não devia conservar as suas reliquias. Os filhos de S. Domingos fôram expulsos de sua casa, assim como nós fômos, nós os filhos de Francisco, encontrámo-nos sem tecto nem abrigo uns e outros, juntámos as nossas miserias para as chorarmos como irmãos que sômos, como filhos de paes que tanto se amaram e ajudaram. Peregrinaremos juntos por essas solidões da terra, e juntos iremos bater por essas portas que cerrou a impiedade e a indifferença, a pedir o pão de cada dia porque temos fome.

«Que importa ! não professámos, não nos honrámos nós de ser mendigos? De que vivemos nós senão de esmola?

«Não choreis irmãos, não choreis sobre nós. Deus que o permittiu bem sabe o que fez. Louvado seja elle sempre ! Nós tinhamos peccados para mais ! Ainda foi misericordioso comnosco o Senhor da justiça e do castigo.

«A nós tiraram-nos tudo, tudo ! Até estas mortalhas que tinhamos escolhido em vida e que nem a morte ousava roubar-nos.

«A furto e como quem se esconde para um acto criminoso, nós as vestimos esta noite para commetter o que elles chamarão um furto, e que era uma obrigação sagrada nossa.

«Fômos á antiga casa de nossos irmãos e roubamos o corpo do bemaventurado S. Fr. Gil.

«Aqui vol-o entregamos; guardae-o. Emquanto estes muros estiverem em pé, que o abriguem dos desacatos d'essas gentes sem Deus nem lei. A vós não ousarão expulsar-vos d'aqui : talvez vos matem á fome... Não póde ser : Deus não ha de permittil-o.

«Mas qualquer que seja a sua vontade, resignae-vos a ella, minhas irmãs. Só elle sabe como nos ama e como nos castiga. Louvemol-o por tudo».

Aqui foi um chorar e um supplicar fervente como só se ouve na hora da angustia.

As afflictas monjas estavam prostradas nas lageas humidas do claustro, sobre as sepulturas de suas irmãs, sobre seus proprios jazigos que haviam de ser. O frade

com os braços estendidos pronunciou as solemnes palavras da benção, descrevendo com a direita o augusto symbolo da redempção:

«Bemdiga-vos Deus omnipotente, Pae, Filho e Espirito Santo!» «Amen» respondeu o côro, e os tres proscriptos se retiraram, deixando salvo o seu thesouro.

Assim desappareceu do tumulo o corpo de S. Fr. Gil de Santarem.

Ninguem sabia d'elle; soube eu e guardei o segredo religiosamente.

Os tempos são outros hoje: os liberaes já conhecem que devem ser tolerantes, e que precisam de ser religiosos. Não ha perigo em dizer-lhes onde elle está.

Quando houver em Portugal um governo que saiba ser governo, ha de regular e consolidar a existencia das freiras, ha de aproveital-a para as piedosas instituições do ensino da mocidade, da cura dos enfermos, e amparo dos invalidos.

Os barões andam com o cheiro nos poucos bens que lhes restam ás pobres freiras. Mal do governo que deixar comer mais aos barões!

Viagens na Minha Terra, Cap. XL.

DUAS CARTAS DE GARRETT (1)

«Sabbado 25 — Março.

Minha querida filha:

«Levantei-me hoje cedo, com esperança de ir vêr-te, e melhor de saude do que ha muito. Mas era impossivel fazer trabalhar os cavallinhos logo de manhã, depois de uma grande massada que hontem levaram toda a tarde e noite. Dei razão ao cocheiro que m'o representou, e reservei para segunda-feira ir vêr-te e ouvir o sermão. E' depois de ámanhã, minha querida filha terei paciencia para esperar.

«Vae a Emilia levar-te esta carta, que me pediu para ir vêr-te. Ella te leva tambem uns rebuçados de diversas fructas, que hontem escolhi em uma loja nova que agora se abriu. Dize-lhe se precisas de alguma coisa, e como a desejas, para eu t'a levar depois de ámanhã.

«Saberás, minha filha, que a M.... se casa para a Paschoa, e que hontem chegou a mãe para assistir ao casamento. Eu, no aperto dos malditos presentes, e para não gastar agora dinheiro, dispuz da tua pulseira que mandei vir de Paris (por me lembrar que não gostas muito d'ella) e a offereci em teu nome e da tua parte á M.... mas eu é que respondo pelo seu valor e te prometto que terás outra melhor, escolhida por ti e a teu gosto. Minha filha, nada perderás em fazer-me este emprestimo. Disse que a lembrança era tua; estou certo que me approvas.

«Adeus, minha adorada filha da minha alma, Deus queira que já estejas inteiramente boa. Toma muito cuidado em ti. Bem sabes que a tua vida e a tua saude é a felicidade de teu pae, que não tem no mundo outra esperança senão tu, e não poderia sobreviver a uma desgraça que te acontecesse.

«Roga bem a Deus por ti e por mim que o preciso tanto em todo o sentido, e Deus Nosso Senhor te abençoe e te cumule de felicidade e sobretudo da sua Graça.

«Adeus, minha filha.

Teu pae
que te ama de toda a sua alma

João Baptista.

P. S. Recommenda-me a todas essas senhoras com muitos agradecimentos».

«3.ª feira 11 — (Agosto?)

«*Minha querida filha da minha alma*

«Hontem não te vi, filha, porque a todo o momento estive á espera do criado que devia trazer-me os vestidos, e que a costureira o demorou até tarde sem por fim lh'os dar; mas elle os viu quasi feitos. Eu hoje em pessoa os vou buscar e no fim da tarde t'os levarei.

«Aqui tens os caramellos que só hontem chegaram; que te dêem tanto gosto como a mim me dá mandar-tos, querida filha.

(1) Estas duas cartas, escriptas pelo grande portuguez no anno que precedeu o da sua morte, fôram por elle dirigidas a sua filha, creança de 12 para 13 annos, quando educanda no Convento das Sallesias. Estavam ineditas, e fôram agora publicadas pelo snr. dr. Carlos Guimarães, genro do poeta, que d'elle conserva algumas outras, formando com estas o numero de 30.

«Não te affadigues com este calor ; não te appliques demais. Eu não te quero para doutora, só desejo que sejas boa, temente a Deus, que tenhas modos de senhora, e que cultives honestamente a intelligencia que Deus te deu. Saberás que a Pepa já sahiu do seu collegio.

«Dize-me de ti como estás e o que sentes, eu não tenho outros cuidados nem mais pensamentos senão em ti. Assim cuida em ti, até pelo amor que tens a teu pae que não póde supportar a idéa de vêr-te doente ou incommodada seja porque fôr.

«Não estudes demais, torno a dizer-te, passeia e está pela cerca todo o tempo que t'o permittirem.

«Meus respeitos a essas senhoras e Deus te cubra de suas bençãos, como lhe pede ardentemente

Teu pae

que tanto te ama

J. Baptista.

IGNOTO DEO

Creio em ti, Deus : a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
E's : — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu : luz... e treva,
Em que, — indistinctas ! — se envolve
Este espirito agitado.
De ti vem; a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sôpro creador
Tudo o mais, o ha de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar.
Ao infinito d'onde veio.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o olho nú
Do homem não vê na terra
Mais que a duvida, a incerteza,
A fórma que engana e erra.
Essencia ! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por Ti os póde vêr
O que inspirado se afasta,
Ignoto Deus, das romeiras
Vulgares turbas : despidos
Das cousas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A Ti se dão, em Ti vida
E por Ti vida tem. Eu, consagrado
A Teu altar, me prosto, e a combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti vôou e em ti só espera.

GARRETT.

(Das *Folhas Cahidas*).

BIBLIOGRAPHIA

MANUAL DO CLERO para auxilio dos oradores ecclesiasticos, collecção de sermões, panegyricos, homilias e praticas para todas as festas e solemnidades da Egreja.

A empreza da «Encyclopedia Catholica», de propaganda religiosa, que já conta um anno de existencia, vae encetar a publicação d'esta obra de alta importancia para o clero, porque n'ella encontrará modelos de discursos para todos os actos e festas, sendo copiosissima a collecção para a Quaresma, festas de oragos, etc.

A publicação será feita por assignatura, sendo distribuidos sempre sermões completos.

A séde da empreza da «Encyclopedia Catholica» é na rua Conselheiro Arantes Pedroso, n.º 25, Lisboa.

Já está em distribuição o 1.º fasciculo, que insere um sermão sobre a confissão.

CATHECISMO DE PRESEVERANÇA. — Temos presente mais um fasciculo d'esta importantissima obra, é o n.º 34; trata este fasciculo do Sacramento da Penitencia, e está prestes a concluir o 4.º volume, ainda se acceitam assignaturas a 100 reis o fasciculo e a 1$000 reis o volume, no escriptorio do editor Antonio Dourado, R. do Carmo n.º 3 1.º andar, Porto.

VASCO DA GAMA. — QUANDO PARTIU? — Problema chronologico posto por Frederico Diniz d'Ayalla. Os pontos versados n'este livro são os seguintes :

1.º — De que fonte provém a data de 8 de julho : — da tradição, ou d'algum documento escripto? (Esta data é assignada por alguns auctores, como sendo a da partida de Vasco da Gama, de Lisboa para a (viagem da India).

2.º — Critica das fontes d'onde partiu essa data.

3.º — Os motivos porque acceitamos e preferimos a chronologia de Gaspar Correia.

Com grande cópia de documentos, vasta e profunda erudicção, dá o illustrado professor do Collegio de Santarem cabal solução a estas momentosas questões, fundamentando a sua opinião de que era muito controvertivel a data commemorada no centenario indico.

Um trabalho muito curioso e profundo, que sobremaneira honra o seu auctor, que sobre ser um eminente philosopho christão e distinctissimo professor, é tambem um catholico pratico.

O nosso agradecimento pelos exemplares com que se dignou distinguir cada um dos conventos franciscanos em Portugal.

RELATORIO da Conferencia de S. Vicente de Paulo de Braga, apresentado á assembleia geral de 12 de dezembro de 1898. Relativo ao anno decorrido de 1 de dezembro de 1897 a 1 de dezembro de 1898. — Segundo as informações n'este relatorio ministradas, «a receita da Conferencia de Braga n'este periodo de um anno, contado de 1 de dezembro de 1897 a 1 de dezembro de 1898, foi de 699$195; a despeza de réis 691$150. Juntando áquella receita a importancia do saldo de 1897, que foi de 733$200, um saldo a favor da Conferencia de 741$205, que é o saldo em 1 de dezembro corrente; superior como se vê, em 8$005 réis».

«Estes, diz ainda o relatorio, fôram os recursos que a Conferencia pôde obter pelos seus proprios exforços, mas que não representam todas as esmolas que recebeu para distribuir aos seus pobres, porque falta mencionar a importantissima, que recebeu da «Obra do Pão de Santo Antonio» bem conhecida n'esta cidade. D'esta milagrosa instituição recebeu a Conferencia este anno como já tinha recebido o anno passado, 60 borôas de pão todas as semanas, que não devem avaliar-se em menos de 321$000 réis».

A CIVILISAÇÃO OU OS BENEFICIOS DA EGREJA. — *Conferencias offerecidas ás classes dirigentes pelo padre Lachaud.* — *Traducção portugueza de Fortunato d'Almeida, bacharel formado em direito, professor do lyceu central de Coimbra, socio do instituto da mesma cidade e da Sociedade de Geographia de Lisboa.* — Da acreditada livraria Universal dos snrs. Magalhães e Moniz, no Porto, recebemos o prospecto d'esta magnifica obra, cujo maior elogio é o seguinte honroso breve de Leão XIII ao auctor:

Ao nosso querido Filho José Lachaud, presbytero Leão XIII, Papa.

Querido Filho, saude e benção apostolica.

O nosso querido Filho cardeal Camilo Mazzella entregou-Nos um exemplar da vossa obra intitulada — *A Civilisação,* que quizestes offerecer-Nos a titulo de homenagem por occasião do Nosso jubileu sacerdotal.

Vimos com prazer que na concepção do vosso trabalho tivestes presente a Nossa carta pastoral publicada, ha annos, quando estavamos ainda á frente da diocese de Perugia, carta em que tratavamos das relações da Egreja com a civilisação dos povos. Seguindo os Nossos passos, tratastes de mostrar os grandes e numerosos beneficios que da Egreja dimanaram para a sociedade civil, para a sociedade domestica e para os individuos em particular, beneficios que se poderiam esperar sempre da mesma Egreja, se a sua influencia não fôsse repellida ou embaraçada, com desprezo da religião e da justiça.

As importantes occupações do nosso cargo não nos deixam tempo bastante para gozarmos a vantagem de lêr os vossos dois volumes. *Mas como vos não faltaram os testimunhos favoraveis de homens eminentes na sciencia, temos razão para julgar, que tratastes muito bem e com talento o assumpto do vosso trabalho.*

Portanto, em troca da vossa homenagem e das vossas provas de affecto, queremos dar-vos por este breve uma prova da Nossa benevolencia; e como presagio dos favores celestes, vos concedemos, querido Filho muito affectuosamente no Senhor, a benção apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no dia v de outubro do anno de MDCCCLXXXVII, decimo do Nosso pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

A obra foi tambem honrada com approvações de varios Prelados nacionaes e estrangeiros, e com lisongeiras apreciações de homens que são competentes auctoridades na materia.

Comprehende 16 conferencias sobre as questões mais importantes actualmente debatidas ácerca do papel desempenhado pela Egreja na civilisação da sociedade. Eis os assumptos de algumas d'essas conferencias: A Egreja e o poder legislativo, a Egreja e o poder judicial, a Egreja e o exercito, a Egreja e o chefe de familia, a Egreja e a mulher, a Egreja e a mocidade, a Egreja e a conquista da Verdade, a Egreja e conquista do Bem, a Egreja e a conquista do Bello, a Egreja e a agricultura, a Egreja e a industria, a Egreja e o commercio, a Egreja e os pobres.

A obra será impressa em magnifico papel, e depois de completa formará dois volumes com 75 folhas de 16 paginas, aproximadamente, custando por assignatura 3$750 réis. Depois de completa o preço será elevado.

As nossas illustrações

I — S. SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII. — A nossa gravura representa o Glorioso Ancião no estado em que se achava ha um anno, pois que é do anno passado o retrato que reproduzimos.

Parece humanamente inexplicavel o viver actual de Leão XIII, n'uma idade avançadissima, e entregue a tão graves occupações. Da sua vida domestica dava ha dias um nosso collega as seguintes curiosas informações:

«Como é natural, a vida que o Papa leva diariamente é em extremo simples, mas a somma de trabalho infinitamente variado, a que elle dá vencimento pelo decurso do dia, é espantosa, se attendermos sobre tudo á sua idade avançada.

O Papa levanta-se ás 7 horas; já então o seu fiel creado e mordomo, Centra, o espera sempre prompto para ajudar a vestir. O leito de Leão XIII é longo e commodo, sem ornatos ricos; mas tudo quanto diz

respeito á *toilette* demanda o auxilio de um familiar. O Papa é aceiadissimo e exigente no mais alto grau em tudo quanto se refere ás suas vestes sacerdotaes; o seu aio tem um cuidado extremo para que nada fique a desejar na alvura das roupas ou no irreprehensivel das meias de purpura, e tem todo o cuidado em que os sapatos estejam no seu competente logar. Quando finalmente está vestida a sotaina de lã, branca como a neve, e quando do peito lhe pende a cruz de ouro, cravejada de diamantes, e presa por uma pezada corrente de ouro, o Padre Santo procede ás suas devoções *antes da missa*.

Em seguida diz missa na sua capella particular acolytado por um cardeal, e por ultimo ouve elle proprio missa.

E' a essa hora que o Papa recebe os peregrinos a quem concede audiencia. São conduzidos á bibliotheca particular, onde S. S. conversa com elles nos seus respectivos idiomas, ou em francez.

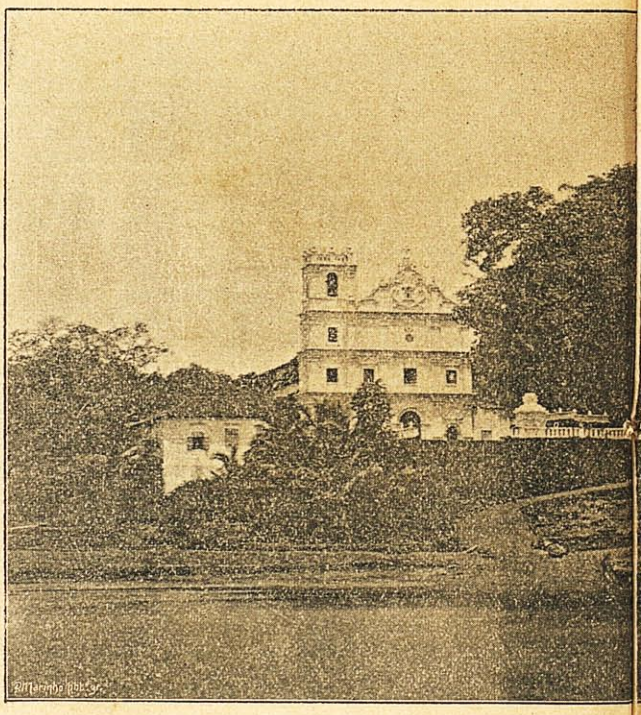
A's 9 horas precisas servem a S. Santidade uma chavena de café ou de caldo. Depois o Pontifice recebe o cardeal Rampolla, seu secretario de Estado. Essa conferencia prolonga-se ordinariamente muito, porque não só os negocios de estado são discutidos amplemente, mas são-n'o tambem os negocios internos do Vaticano, em todos os seus promenores, no tocante a despezas.

Leão XIII tomou a peito reduzil-as e muito tem já conseguido n'esse capitulo, mas ainda assim, a despeza diaria sóbe á somma immensa de mil libras; mas n'essa verba inclue-se o pagamento aos cardeaes *da curia* em exercicio no Vaticano, os prelados palatinos, e a um pessoal immenso (secretarios, escripturarios, etc.,) que téem residencia obrigatoria no Vaticano. Deve dizer-se que o Papa não gasta na sua alimentação diaria mais de sete ou oito tostões.

Resume-se a sua alimentação a ovos, legumes, caldo, um copo de vinho de Bordeus ou de Carpineto, sua terra natal e que os seus patricios devotamente lhe mandam todos os annos.

Ao meio dia S. Santidade recebe as pessoas mais illustres que lhe solicitam audiencia, taes como principes e embaixadores.

Pelas 2 horas toma a sua principal refeição que consiste ordinariamente n'uma *omelette*, legumes e sobremeza; mais tarde é conduzido n'uma cadeira portatil de damasco vermelho ao seu jardim particular, que, posto não seja muito extenso; é muito pittoresco na sua primitiva rusticidade. Ahi o Papa delicia-se andando de carruagem ou a pé. Mostra-se muito interessado em todos os trabalhos do jardim, e especialmente no progresso de uma vinha que Sua Santidade mandou plantar ha annos e que já produz algum vinho. Informa-se minuciosamente ácerca da producção annual da laranja, que já attinge alguns milhares. A's 9 horas o Papa recita o «rosario» que lhe



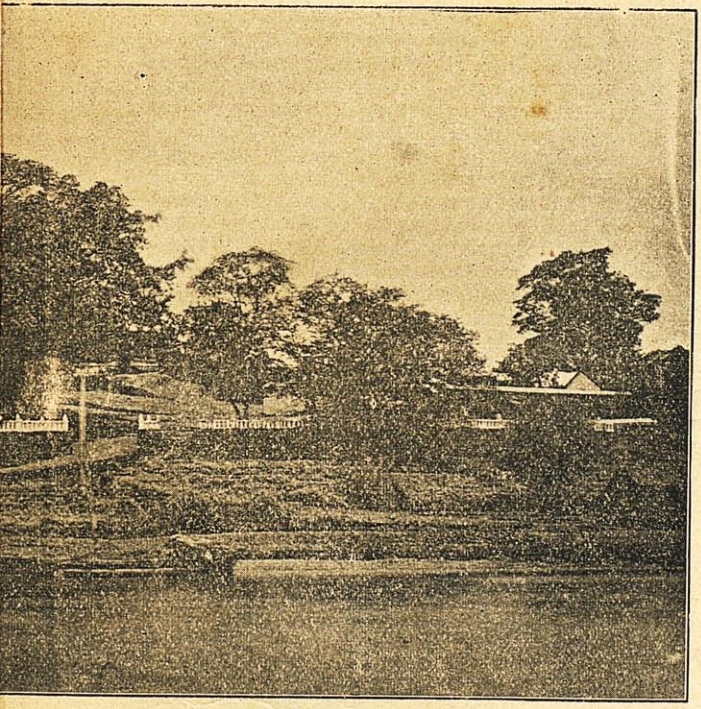
A EGREJA DE A

toma quasi uma hora, ajudado por um sacerdote. Depois servem-lhe uma refeição leve que consiste em ovos, legumes, fruta — e deita-se ás 11 horas ou meia noite.»

*
* *

II — ILL.mo E EXC.mo SNR. TENENTE-CORONEL JOSÉ FERNANDO DE SOUSA, (NEMO). — E' um nome já hoje bem glorioso nos annaes do movimento religioso em Portugal. NEMO é um trabalhador incansavel, ao qual a causa catholica deve relevantissimos serviços.

Como jornalista, ahi estão as columnas do *Correio Nacional*, a attestar que é elle um dos raros que hoje sabem comprehender a nobre e honrosa missão da imprensa. O seu estylo é lhano e corrente, mas insinuamente e dotado d'uma suave eloquencia natural, que só as convicções arreigadas e sinceras téem o condão de communicar. Versa com a mesma facilidade e segurança as graves questões da philosophia e da theologia, da economia social ou da historia, da metaphysica ou das sciencias naturaes. Sempre com a mesma lucidez, precisão e clareza.



DONÁ (BARDEZ-INDIA)

A pureza de fé e a sinceridade de suas crenças de catholico prático, não havia ninguem que as puzesse em duvida. D'uma e outra porém, deu ultimamente a mais evidente prova que poderia exigir-se, recusando-se a acceitar um duello para que fôra desafiado. A meu vêr é este o mais assignalado serviço que NEMO tem feito á Egreja.

Com effeito: n'este periodo de decadencia que vamos atravessando, são raros exemplos de tal firmeza de crenças e de *consequencia* com os principios professados, para que a religião não se julgue muito honrada quando tem ao seu serviço dedicações d'estas.

A NEMO o nosso applauso muito sincero.

José Fernando de Sousa nasceu em Vianna do Alemtejo, a 30 de maio de 1835. Foi seu pae Antonio José de Sousa, distincto medico e fundador da Creche-asylo de Orphãos de Vianna; e sua mãe D. Maria José de Sousa, que ainda vive. Ambos elles são a prova de quão poderosamente influe no futuro de um filho a educação christã que seus paes lhe inocularam na adolescencia.

Em 1869 entrou para a Escola Polytechnica onde conquistou 5 premios pecuniarios, 1 accessit e 1 louvor.

Em 1873 foi concluir o curso de engenharia militar na Escola do Exercito obtendo o premio pecuniario nos tres annos, e sendo em 1876 primeiro classificado do curso, o que dispensa qualquer phrase laudativa sobre o seu merito e applicação.

Serviu, de 1870 a 1880, na inspecção d'engenharia da 4.ª divisão. De 1880 a 1890 na direcção geral dos trabalhos geodesicos; e desde esse periodo até ao presente é adjuncto da direcção dos Caminhos de Ferro do Sul a Sueste.

A Providencia lhe conserve por largos annos a força de sua prodigiosa actividade, para serviço da causa catholica em Portugal.

*
* *

III — ALTAR-MÓR DA EGREJA DE SANTO ANTONIO EM BRIVES (FRANÇA). — As *Grutas de Brives* são bastante conhecidas de nossos leitores. Sua celebridade provém-lhes de haverem sido consagradas pela presença de Santo Antonio, que alli se recolhia para mais facilmente se entregar á penitencia e á oração.

Hoje é um logar muito concorrido de peregrinações religiosas, não só da França, mas de muitos outros paizes. E' o centro do movimento antoniano em França.

*
* *

IV — O CONVENTO DE CHILANDAR. — Está edificado no monte Athos, a *montanha santa* por excellencia, por causa da «republica dos monges», que, em numero de 5:000, são os seus unicos habitantes, pois

que n'aquella região ninguem mais é admittido, a não ser um ou outro mercador.

Diz-se que o numero de mosteiros que alli se téem levantado sóbe hoje a 13:000! O convento de Chilandar foi edificado em 1199; até hoje tem-se ido successivamente augmentando por fórma que de presente se compõe de muitas construcções amontoadas, e mais ou menos dependentes umas das outras, formando um grande poligono irregular, cujo centro é occupado pela egreja.

*
* *

V — EGREJA DE ALDONÁ (BARDEZ-INDIA). — Com este titulo publicamos a pag. 728-729 (novembro de 1898) uma gravura que estava longe de representar este templo, pois representava a egreja de S. Francisco e a Sé Patriarchal de Gôa. O tamanho quasi igual dos dois clichés deu occasião a que se tomasse um em vez do outro, sendo certo que a nossa intenção era publicar então esta que hoje publicamos. Aos nossos leitores pedimos nos desculpem o involuntario engano.

Como então diziamos, a egreja de Aldoná foi fundada em 1596 pelos frades franciscanos, evangelisadores da Provincia de Bardez. Está situada em logar muito aprazivel e pittoresco.

A povoação de Aldoná tem uma população de 7 a 8:000 almas.

ECHO DAS MISSÕES

Beira, 30 de outubro de 1898.

M. R. PADRE

Não sei se estarei já no caso de formar um juizo, aproximado pelo menos, do que é esta localidade da Beira, para, manifestando-o a V. P., satisfazer o natural desejo que devem nutrir os nossos amigos de saber que terra é esta, onde estão trabalhando os missionarios franciscanos de Portugal; parece-me porém que não serei temerario, emittindo desde já o meu parecer a tal respeito, visto que, com quatro mezes de observação, já se póde dizer, senão tudo, bastante, pelo menos.

POSIÇÃO GEOGRAPHICA E CHOROGRAPHICA DA BEIRA

Desde principio me encontro embaraçado, ácerca da denominação que hei-de dar á Beira: se lhe chamo cidade, não me parece tão grande nem tão populosa que mereça taes fóros; se lhe dou o nome de villa, acho que sou injusto, visto ter elementos de mais para se lhe dar o nome de simples villa. Cortarei, pois, a questão, chamando-lhe cidade da Beira, ou simplesmente Beira.

Está situada a joven e esperançosa cidade da Beira, na costa das nossas possessões da Africa Oriental, 50 kilometros ao norte da antiga villa de Sofala, a 35.º de Long. E. de Greenuich e a 20.º de Lat. S.

A cidade da Beira assenta sobre uma lingua de areia, que, no dizer dos entendidos, se foi formando com a muita areia que, no decurso de muitos annos, tem o mar trazido dos bancos que se encontram até algumas milhas fóra da barra do Pungue e do Busi, rios fronteiros, sendo a areia cimentada pelas grandes camadas de *matope*, uma especie de terra barrenta, que arremessa o Pungue, mormente na occasião das grandes cheias.

Esta lingua de areia em certos sitios não chega a ter 100 metros de largura, e pessoas ha que se lembram de ter o mar passado livremente de um para outro lado da Beira.

Isto prova que, em tempos não muito remotos, a Beira, era, quando muito, um banco de areia; e, onde hoje andamos muito á nossa vontade, passeava toda a qualidade de peixes que povoa estes mares; e tambem póde provar a pouca estabilidade da Beira, n'um periodo mais ou menos remoto. D'ahi os trabalhos continuos da Companhia de Moçambique na defesa do Porto da Beira, trabalhos de primeirissima necessidade, porque d'elles depende o futuro d'esta esperançosa colonia.

FAUNA E FLORA DA BEIRA

E' claro que sendo o terreno todo areento pouco tem que vêr a fauna e a flora com a Beira. Ha realmente pouca vegetação: em todo o caso, dá-se bem aqui o mangal branco e vermelho, e diversas arvores fructiferas, que os pretos apreciam bastante, mas de que nem por isso gostam os europeus por sêrem muito acidulas. Estas mesmas arvores já são raras, sendo tudo destruido para dar logar ás edificações que se fazem todos os dias. Quem quizer legumes ha-de trazer terra de fóra; do Busi, por exemplo. Nós já temos uma bella horta.

Ha aqui, principalmente, reptis e aves. Entre os reptis já vi, e possuimos aqui na casa da missão, para ser enviada para ahi, a cuspideira, bastante venenosa; a vibora, muito perigosa; e outras especies de cobras, lagartichas e osgas de diversos tamanhos e feitios. Ha tambem diversas especies de aves, de configuração bastante curiosa e que muitas vezes temos visto nas fructeiras da nossa casa, a comer da meza que a divina Providencia lhes subministra, aqui como em toda a parte. Entre o mangal não é raro ver passear o macaco e o esquillo.

Animaes ferozes não os ha na Beira: dizem-me porém que já aqui tem vindo o leão; que não é raro vir até aqui o tigre; e que frequenta muito a Beira um animal a que chamam *kizumba*, uma

especie de hyena. Este ultimo tem já feito as suas visitas ao quintal da missão.

Certo individuo que tem seus fumos de bom atirador, quando soube do atrevimento da *kizumba*, em vir rondar o nosso quintal, tirou-se de seus cuidados, pegou d'uma bella carabina *Martini Henry*, e poz-se á espera da bicha; mas foi inutil o tempo que elle perdeu a velar á espera do animal, porque a *kizumba* não tornou a apparecer. Tambem... foi um tiro aproveitado, porque a este insigne atirador vi eu dar dous tiros a um esquilo, muito quietinho no ramo d'um mangal, como quem diz — atira-me, a vêr se me acertas; e, vae senão quando, por muito favor, cortou um ramo secco. Quando nós vimos aquillo a cahir da arvore e iamos cheios de curiosidade admirar o felpudo esquilo, deparou-se-nos uma tisica e secca ponta de mangal.

Ficamos varados: o caçador tinha perdida a fama! D'esta vez bem póde velar, a vêr se readquire a fama perdida.

PASSEIOS DA BEIRA

A natureza do solo da Beira, todo arecnto, tornava bastante difficil o transito. E' verdade que por toda a extensão da rua principal, que tem mais de dous kilometros de comprido, havia já uns carris de ferro, por onde em pequenos carros ou cadeiras *sui generis*, se transportavam os europeus, quando queriam ir tratar dos seus negocios. Estes carros ou cadeiras eram e são impellidos por dous ou tres pretos. Por esta especie de linha ferrea são transportadas tambem, em pequenos wagonetes, mercadorias, agua, areia e outras cousas que, por outra fórma, difficilmente se poderiam transportar.

Este luxo, porem dos carros e das cadeiras servia para quem tinha dinheiro para comprar os carros e para pagar e sustentar pretos; a maioria porém, os pobres, tinham que aguentar longas caminhadas por uma areia movediça, debaixo da acção de um sol ardente e debilitante como é o da Africa.

Para occorrer a estes inconvenientes o actual governador da Companhia de Moçambique, o ex.^{mo} snr. coronel Gorjão, resolveu com muito acerto mandar construir, em toda a extensão das ruas, passeios de cimento, por onde se podesse transitar com muita commodidade.

Quando nós aqui chegamos, já estava quasi construido o passeio de um dos lados e téem sempre continuado os trabalhos. São realmente uma boa despeza para a Companhia os taes passeios; mas tambem é melhoramento de primeira ordem, e cuja utilidade só a sabe apreciar quem tem experimentado o que é caminhar por areia solta. Para nós, então, que andamos de sandalias, é um sacrificio a menos; e o tempo que perderiamos a chafurdar na areia, aproveitamol-o para, com maior brevidade, attendermos ás nossas obrigações ou podermos, com mais promptidão, occorrer a qualquer necessidade espiritual.

POPULAÇÃO DA BEIRA. — SEU PROGRESSIVO DESENVOLVIMENTO. — CAUSAS QUE O DETERMINARAM

Sendo a Beira uma linga de areira tendo de um lado o mar e do outro o *Chiveve*, isto é, uma enseada pequena na praiamar e *malope* na baixa-mar, como é que em poucos annos as poucas palhotas que havia no Maquinini se transformaram n'uma grande povoação e uma lingua de areia se transformou n'uma pequena cidade, com mais de seis mil habitantes, entre gente branca e de côr?

E' um facto o progressivo desenvolvimento da Beira, e devem por força existir n'ella elementos de attracção geral, porque se encontram aqui individuos de quasi todas as nacionalidades.

Não fallando nos indigenas africanos de diversos idiomas que fervilham na Beira (de certo com os mesmos fins que os europeus, posto que em menor escala) ha aqui portuguezes, inglezes, francezes, hespanhoes, suissos, belgas, italianos, allemães, austriacos, gregos, hollandezes, americanos, egypcios, arabes, indios, chinezes e japonezes.

Qual o iman que attrahiu á Beira toda esta gente, sendo certo que na Beira, a bem dizer, só se encontra areia? A unica solução que se póde e deve dar a esta pergunta é que só o ouro podia trazer aqui todo este amalgama de nacionalidades.

Nós temos realmente na região de Manica uma grande zona aurifera. Ora tornava-se necessario estabelecer no litoral um porto, onde se podesse desembarcar o material para a exploração e embarcar o minerio, e que podesse ao mesmo tempo proporcionar um local sadio para a aclimatação dos que desejassem ir a Manica desenterrar o precioso metal.

Uma difficuldade surge no espirito de quem de fóra considera esta série de successos. E porque se não havia de escolher um local fertil, e onde o sólo não fôsse areiento como o da Beira? A mim parece-me que, precisamente por ser areiento, é que foi bem escolhido o sólo da Beira. Realmente, a excessiva saturação atmospherica, proveniente do paludoso do terreno, junto com os muitos miasmas que gera a grande abundancia de aguas estagnadas ou terrenos palustres d'envolta com alguns corpos organicos em decomposição, faz com que se desenvolvam as febres com as suas naturaes consequencias. E' isto, a meu vêr, o que torna o sólo africano menos salubre.

Ora, como o terreno da Beira é areiento, não ha medo que a abundancia das chuvas possa tornal-a insalubre. Pelo lado hygienico, pois, a Beira foi um local bem escolhido. Além de que era o local mais apropriado para abrir passagem para Manica.

E ahi está como tudo concorre para que a Beira venha a ser, n'um futuro não muito afastado, uma das primeiras cidades da Africa Oriental — o ouro e o clima; explicando-se tambem o seu rapido desenvolvimento.

ESTADO RELIGIOSO DA BEIRA

A' vista das tantas nacionalidades que se encontram, bem ou mal representadas, n'esta nossa colonia, bem poderemos dizer que a Beira é uma cidade internacional.

Isto mesmo se poderia dizer da religião, se a sua *internacionalidade* dependesse da variedade de principios contradictorios, ou podesse haver muitas religiões verdadeiras. Além dos catholicos, ha protestantes, schismaticos, mahometanos, monhés,

banianes, judeus e gentios de diversas confissões.

Uma verdadeira babel esta Beira. Infelizmente ha muitos catholicos indifferentes que não são carne nem peixe; outros ha que, com seus maus exemplos, prégam, principalmente aos pretos, o contrario do que a religião christã preceitúa; outros, filiados principalmente na maçonaria, combatem a nossa Santa Religião, não de frente, porque as circumstancias lhes não correm de feição, mas solapadamente com a arma do motejo e da chocarrice, arma que tambem tem a sua aceitação entre estes pobres negros da nossa Africa. A estes inimigos de casa hão tambem de juntar-se inimigos de fóra, mórmente protestantes e monhés, os quaes, postoque não façam muito, fazem bastante por crear adeptos entre os pobres pretos, que se deixam levar, menos por motivos de religião do que pelo interesse, ao qual se juntam ás vezes affeições menos honestas, para que todas estas falsas seitas téem porta franca, sendo assim o peccado um chamariz para abraçar o erro.

Pobres pretos! quantos laços lhes armam! Não lhes bastava a vil condição a que os reduz a prepotencia dos brancos baseada na superioridade da raça a que pertencem; trabalham tambem por inocular em tantas almas, verdadeiramente innocentes e com uma simplicidade grande de costumes, o veneno de más doutrinas e de costumes estragados!

E isto causa realmente pena, tanto mais que os pretos d'esta costa são doceis e ainda não fallei a nenhum que se mostrasse refractario aos salutares ensinamentos da religião catholica, a que temos a felicidade de pertencer. Todos querem receber o santo baptismo; e, se não fôsse a difficuldade da preparação, não sei se teriamos ainda algum gentio na Beira.

Esta docilidade de indole, optima qualidade sem duvida, é-lhes funesta a elles e á causa christã, porque facilmente os levam os inimigos da Religião a que deixem de ouvir a voz dos missionarios.

A esta difficuldade accresce uma outra, particular da Beira. A maior parte dos pretos ou são *muleques*, creados, ou são jornaleiros da Companhia de Moçambique. Em qualquer dos casos, a sua permanencia na Beira é temporaria. Véem aqui, com o fim quasi exclusivo de arranjar um peculio com que possam comprar, de volta ao matto, a futura companheira dos seus dias.

Ora, custando-lhes a mulher dez libras, e ganhando elles por mez uma libra, pouco mais ou menos, em breve téem o necessario. E, logo que téem este peculio, voltam para suas terras.

Outros são constrangidos a vir trabalhar por conta da Companhia; mas, quando lhes parece, fogem. E, em ultima analyse, a companhia não os póde reter mais de tres mezes.

Ora, sendo tão precaria a sua permanencia aqui na Beira, e, de mais a mais, sendo de um caracter voluvel como elles são, não só se torna difficil a sua evangelisação, mas até em certo modo perniciosa, porque voltam para o sertão, e, não tendo quem os proteja na fé, cahem por força em pessimos costumes, contrarios á Religião Christã.

Para dar remedio a estes males, só estabelecendo estações missionarias a partir da Beira para o interior. E' o unico remedio, a fallar a verdade; mas, antes que os nossos amados Irmãos de Portugal nos venham auxiliar, temos que nos ir servindo com a prata da casa, acceitando as cousas como ellas se nos apresentam.

Podiamos tambem estabelecer estações missionarias, onde fôssemos de mez a mez, por exemplo, instruir os catechumenos, administrar os baptismos e os sacramentos, animando e fortalecendo na fé e bons costumes os novos christãos; para alguns é isto praticavel, mas, para os que habitam muito no interior, sendo nós tão poucos, torna-se bastante difficil, senão moralmente impossivel.

Apesar porém de todas estas difficuldades, que nos offerece o meio em que trabalhamos, comtudo o bom Deus não tem deixado de nos consolar, acceitando a nossa pequena cooperação, trazendo ao bom caminho alguns que d'elle andavam extraviados. Confesso francamente que Nosso Senhor nos tem feito muitissimo mais do que nós esperavamos, devido, por certo, ás piedosas preces dos nossos irmãos e amigos, esmola que esperamos e pedimos continue, para que o premio se reparta por muitos.

E aproveito a occasião, para, humildemente, rogar aos assignantes da *Voz* e a todos os associados da Pia União as suas fervorosas preces, pelo bom resultado de nossos trabalhos apostolicos.

Ficarei hoje por aqui, que esta correspondencia vae já bastante longa e creia-me

De V. P.de

Subdito e irmão mt.º aff.º em J. Christo

Fr. Antonio de S. Maria, O. F. M.

Missionario Franciscano.

CHRONICA UNIVERSAL

PORTUGAL

O centenario de Garrett.—No dia 4 do corrente foi o centenario do nascimento do distinctissimo prosador e illustre poeta Almeida Garrett.

N'esse dia celebraram-se enthusiasticas festas por todo o Portugal, especialmente no Porto, d'onde era natural esta gloria das nossas lettras.

Conferencias, recitas, espectaculos, tudo se fez com explendor e tudo merecia o visconde de Almeida Garrett. A imprensa foi unanime em manifestar o seu jubilo por tão fausto acontecimento, e nós associamo-nos de boa vontade a este acto tão legitimo e tão patriotico.

Seria faltar a um dever de patriotismo e gratidão, esquecer n'esta solemne occasião o glorioso reformador da nossa litteratura. Saudamos portanto com enthusiasmo o vulto eminente de Garrett, e fazemos votos para que algum outro como Garrett nos venha sacudir d'este torpor em que jazemos e que ameaça realisar-se a prophecia de Garrett sobre a ruina de Portugal.

O Atheneu Commercial do Porto tomou a louvavel iniciativa de erigir um monumento ao eminente litterato na sua terra, e Suas Magesta-

des concorreram com 200$000 réis para a subscripção.

Serviço internacional. — As companhias de caminhos de ferro estão tratando de organisar um serviço internacional directo entre a França e Portugal, via Irun, para o transporte de todas as mercadorias por preços reduzidos. Serão estabelecidas em Irun, em Valencia de Alcantara (fronteira hespanhola) e em Marvão (fronteira portugueza) agencias para a passagem livre nas alfandegas das remessas que lhes são confiadas. As operações de transito serão effectuadas gratuitamente em Irun por agentes das companhias ferroviarias.

Reunião do clero — Protesto contra um padre. — No Porto houve no sabbado sob a presidencia do padre, snr. dr. Joaquim Luiz d'Assumpção, uma reunião do clero portuense, a fim de protestar contra o procedimento do padre snr. conselheiro Antonio Candido, que regeitou a proposta para a creação d'um curso de religião nos lyceus.

Fallaram sobre o assumpto differentes ecclesiasticos entre os quaes os snrs. dr. Correia da Silva, conselheiro Theotonio Vieira de Castro, dr. Antonio Martinho, dr. Ferreira Pinto e dr. Carlos das Neves.

Foi nomeada uma commissão para elaborar uma representação para dirigir aos poderes publicos a abertura de um curso de religião nos lyceus, e que o clero seja admittido para o leccionar.

Brevemente n'aquella cidade se effectuará uma reunião magna do clero para approvar essa representação e lavrar publicamente o seu protesto contra a referida commissão de ensino e em especial contra o seu presidente, padre Antonio Candido.

O numero 9 e o Cardeal D. Americo. — A titulo de curiosidade referimos uma investigação paciente e interessante sobre a influencia que o numero 9 teve na vida do fallecido D. Americo, e que varios jornaes téem publicado.

Em 1854 (1 8=9; 5 4=9) foi nomeado professor do Seminario de Santarem, agraciado com o titulo de Monsenhor e com a cruz de cavalleiro da Conceição, isto quando fazia 9 annos que se tinha doutorado.

Foi nomeado arcipreste em 1859, com 29 annos de idade.

Governou o patriarchado em 1864, quando fazia 9 annos que tinha sido nomeado reitor do Seminrio de Santarem.

Em 1869 continuou a governar o patriarchado, e foi eleito bispo do Porto com 39 annos de idade.

Em 1879 foi nomeado cardeal, com 49 annos.

1881 (1 8=9; 8 1=9) tomou parte nos trabalhos da camara dos pares, quando fazia 29 annos de doutorado.

Era 89.º bispo do Porto e falleceu em 1899, com 69 annos ás 4 e meia horas (metade de 9).

E foi gerado em 1829.

Morreu ao terminar o seculo 19.

Entrou para a Universidade para frequentar a escola de Theologia em 1845 (2 vezes 9).

Conego da Sé de Lisboa em 1869.

Sagrado bispo no 9.º mez de 1871.

Assignava as previsões com 9 titulos, formando o nome do baptismo um titulo.

HESPANHA

Acção nobre d'um official hespanhol. — O Senador Canonico (italiano) communicou ao *Fanfulla* o facto seguinte:

«Ha dias o archeologo professor Bernabei, vindo de Genova para Roma, encontrou-se no comboio com um joven estrangeiro. Conversando como se costuma entre companheiros de viagem, e fallando cada um do logar para onde ia, disse o joven:

— Eu sou capitão de cavallaria do exercito hespanhol; pedi licença á rainha e vou a Maratea (Basilicata).

— E por qual motivo uma viagem tão longa, de Madrid a Maratea?

— Respondeu o joven: em Santiago de Cuba eu tinha um amigo carissimo e companheiro d'armas, o qual me salvou a vida tres vezes. Eu assisti-lhe depois á morte e prometti-lhe que iria levar a sua mãe o seu ultimo adeus. E mantenho a minha promessa.

O professor Bernabei, vivamente commovido disse:

— Eu não pergunto qual é o seu nome: o sr. pertence á familia dos antigos heroes.

Aquelle honrado joven é o capitão José Domingo.

O Senador Canonico aproveita esta occasião para fazer um elogio da raça latina em geral e da Hespanha em particular, concluindo com estas palavras: «Gritem quanto quizerem á decadencia da raça latina; emquanto houver sentimentos e acções d'este genero nas nações latinas, ellas téem em si vivo o germen da grandeza futura; ellas terão força para sacudir a escoria impura que lhes cobre a superficie, para reviver de vida propria e para resuscitar gigantes».

Os restos de Colombo. — Chegaram á Hespanha, a bordo do *Giralda*, os restos do grande navegador. As ultimas noticias de Sevilha pormenorisam que os funebres despojos, que vinham n'uma urna coberta com a bandeira hespanhola, eram esperados pelas auctoridades, corporações e muito povo.

Os restos de Colombo fôram entregues pelo commandante do *Giralda* ao duque de Veragua. Depois de assignada a acta respectiva, desembarcou-se a urna, disparando o *Giralda* 15 tiros de peça e salvando tambem as baterias de terra.

Organisou-se o cortejo composto de cavallaria, artilheria e infanteria, communidades religiosas, algumas auctoridades, etc.

Uma grande multidão assistiu ao desfilar do prestito, descobrindo-se todos á passagem da urna funeraria.

Na cathedral cantou-se a missa de Eslava, a grande orchestra, officiando o deão.

Terminada a missa, o arcebispo, de pontifical, entoou um responso.

Depois do *alcaide* fazer entrega da urna ao arcebispo, os restos de Colombo fôram levados para a cripta.

Os Carlistas. — O importante jornal londrino *The Daily-Graphic,* publica em um dos seus ultimos numeros, chegados em um dos ultimos dias a Lisboa, uma correspondencia de Madrid, onde imparcialmente se analyse a situação e onde se dão curiosos informes sobre a agitação carlista.

Diz a correspondencia em questão que D. Carlos de Bourbon só espera a ractificação do tratado de paz para dar o signal de um levantamento geral.

O encarregado de organisar o movimento é o marquez de Cerralbo que para o fim recebe instrucções de D. Carlos, para por sua vez as transmittir ás juntas.

O *Journal des Debats,* que vê a luz da publicidade em Paris, procura attenuar o pessimo effeito das informações do jornal inglez.

Não admira.

O *Journal des Debats* recebe o santo e a senha da legação hespamhola em Paris. Além d'isso o correspondente em Madrid d'aquelle é um politico da situação.

Não queremos com isto dizer que acredite, mos em todas as noticias favoraveis aos carlistas. Não.

De parte a parte ha exageros; mas estes pendem mais para aquelles que forçam a nota affirmativa para o governo da rainha Christina.

Os carlistas téem poderosos elementos — infelizmente assim é.

Téem o clero e os montanhezes pelo seu lado e isto lhes basta para um levantamento de consequencias um tanto duvidosas.

Os monarchicos em Hespanha procuram occultal-o, desmentindo as noticias optimistas; mas isso não resolve coisa alguma, como tambem nada resolveu os desmentidos ridiculos sobre a questão cubana que liquidou como se sabe.

ITALIA

O futuro Consistorio. — A data do futuro Consistorio ainda é incerta, mas parece que não tardará muito.

Uma das principaes razões pelas quaes o S. Padre tem demorado foi para concordar com o governo francez sobre a escolha de um Cardeal da mesma nação, para residir na Corte Pontificia.

Dizem que essa difficuldade está resolvida, sendo escolhido o Rev.mo A. Batembourg, lazarista, o que abreviará a data do Consistorio; a não ser que as outras nações pretendam o mesmo privilegio concedido agora á França, de ter na curia um Cardeal da respectiva nacionalidade. Tal pretenção não seria para admirar.

A participação do Papa á conferencia para o desarmamento. — Tem sido objecto de muitas discussões entre os jornaes italianos e estrangeiros; porém os liberaes italianos mostraram n'este ponto uma tal falta de tactica, que terá feito rir o mundo diplomatico.

E' certo que o Czar communicou ao Papa o projecto para a conferencia, na mesma occasião em que o mandou aos outros gabinetes.

A' vista d'isto todos julgaram ser vontade do Czar que o Papa fôsse representado na conferencia, e imaginando fazer um bom serviço ao governo italiano publicaram que essa representação seria coisa grata ao governo, como prova de que a auctoridade pontificia não estava diminuida com a perda do poder temporal. Mas esta manobra tão habil e fina não foi comprehendida pelos jornaes italianos, os quaes se apressaram a desmentir que a dita representação fôsse cousa grata ao governo; asseverando mesmo que o governo se recusaria a participar á conferencia, no caso de lá se encontrar como representante do Papa.

Em conclusão, não se sabe ainda se o Papa tomará parte ou não na conferencia.

Monumento a um Franciscano. — Em Brescia vae ser elevado um monumento ao Padre Mauricio Malvestiti, o corajoso e venerando franciscano que no dia 1.º d'abril de 1849, durante a guerra da Italia com a Austria, foi com o Padre Hilario de Milão ao monte Cidneo pedir a paz ao General Haynau.

O monumento vae ser elevado sobre o monte Cidneo, a pouca distancia do historico castello onde foi levantado um obelisco á memoria dos que caíram pela defeza de Brescia.

O rev.º Padre Mauricio nasceu a 17 de fevereiro de 1778 em Brescia; a 16 annos id'dade entrou na ordem de S. Francisco, passando para Ferrara, d'onde foi chamado a Roma para ensinar philosophia e theologia.

Em 1804 foi escolhido para preceptor dos filhos do principe Bonaparte, tornando mais tarde a Brescia, onde morreu a 15 de março de 1865 no convento de S. José. Chorado por todos os seus concidadãos que o tinham em altissimo conceito.

A Legenda de S. Francisco. — Os rev.os Padres e bem conhecidos escriptores franciscanos, *Marcellino de Civezza e Theophilo Domenichelli* (o ultimo dos quaes infelizmente desde ha poucos dias está alienado, por excessiva applicação mental), publicaram ultimamente um documento inedito sobre a vida de S. Francisco, que é de grandissima importancia para os estudos historicos. Esse documento é a *Legenda de S. Francisco,* é, a vida do Santo escripta por tres companheiros seus, e que até hoje não tinha sido publicada senão em trechos destacados. Os dois benemeritos Padres depois de um estudo serio, paciente e critico, reconstituiram o texto, e publicaram-o no original latino juntamente com a traducção italiana. O Em.mo Cardeal Capeccelatso, litterato insigne enviou lhes uma bellissima carta de congratulação.

Quando fôr possivel dar-lhe-hemos tambem publicação em o nosso idioma nas columnas da «Voz».

De 8 a 26 milhões. — Em Roma estão construindo um monumento, cuja historia nenhum dos jornaes liberaes ouza contar, mas merece ser conhecida.

Em 1878 deliberou a camara que se erigisse um monumento a Victor Manoel; em 1880 foi estabelecida a somma de 8 milhões (1.600:000$000 rs.) para a erecção do monumento. Abriram-se concursos, e quando um projecto ficou definitivamente approvado fixaram 9 milhões para a despeza *total* da obra.

Começaram os trabalhos em 1884, e até hoje fôram gastos 26 milhões de liras (5:200 contos de

réis), sem que se saiba ainda quando se dará termo a essas despezas.

E' uma verdadeira violencia, tanto mais injusta, quanto menos utilidade se vê em semelhante obra.

Numero dos estudantes d'Italia. — Segundo a estatistica que a direcção de instrucção publica de Italia acaba de publicar sobre os alumnos matriculados no anno findo nas Universidades e demais institutos superiores, o numero dos estudantes foi 25:598.

No anno de 1893 a 94 fôra de 21:870. Houve por tanto um augmento de 3:728. Este augmento foi principalmente nos cursos de direito e medicina: os juristas, que em 93 fôram em numero de 5:690, em 98 subiram a 6:543, mais 853; os medicos tocam o numero de 6:878!

Não será caso de que haja mais advogados do que processos, mais medicos do que doentes?!! Que invasão de lettrados.

FRANÇA

Morte de Felix Faure. — No dia 16 do corrente, ás 10 horas da noite, succumbiu a uma apoplexia o Presidente da Republica de França; a consternação foi intensa por todo o paiz. No dia 18 ás 3 da tarde, ouviam-se em Versailles *vivas* enthusiasticas ao novo Presidente Mr. Loubet.

«*Le Roi est mort, vive le Roi!* «Taes são as vicissitudes d'este mundo.

Felix Faure tinha 58 annos d'idade; passou parte da sua mocidade na Torraine onde casou e onde tem familia sendo a principal industria d'essa região os cortumes, diz-se que começára por aprender o officio de cortidor, mas pela sua intelligencia e constancia chegou a ser chefe d'uma casa sendo ainda moço.

Em 1881 foi eleito deputado assim como em 85. No gabinete Dupuy foi ministro da marinha, logar que occupou muito dignamente.

Em janeiro de 1895 foi eleito Presidente da Republica com 430 votos sobre 791 votantes.

No exercicio d'este cargo houve-se com grande tino e prudencia, conquistando merecido prestigio. Nas relações com a Santa Sé esforçou-se por conservar o apoio da Egreja, e por estreitar as relações entre a Egreja e o Estado. E este fôra sempre o seu pensar; ainda deputado, votára contra a suppressão da embaixada junto do Vaticano.

Recebeu todos os sacramentos á hora da morte, e esperamos que N. Senhor se compadecerá da sua alma

O novo presidente. — Para succeder a Felix Faure foi eleito o presidente do Senado Mr. Loubet por 483 votos contra 270 votos dados ao snr. Méline.

Mr. Loubet já tem mais de 60 annos, e faz portanto grande differença d'idade dos seus predecessores.

Advogado distinctissimo da França, salientou-se desde a primeira vez que appareceu na camara, como orador politico de largas vistas e superior criterio.

E' revisionista, e por isso a sua candidatura soffreu uma forte opposição; mas afinal de contas ser partidario da revisão não é ser dreyfusista; é apenas querer a verdade e a justiça.

E' para desejar que elle continue a politica de Felix Faure.

O delicto de Lille. — Tem feito o giro do mundo a noticia d'um crime gravissimo que se deu em Lille.

No collegio dos irmãos das Escolas christãs desappareceu o joven Faveau, e passados dois dias encontrou-se o seu cadaver dentro d'uma caixa n'uma sala do collegio.

Espalhou-se in continenti a voz que os irmãos haviam sido os assassinos do joven, e esta voz excitou de tal modo as iras populares, que multidões compactas percorreram as ruas da cidade, blasphemando contra a religião, espancando quantos padres ou religiosos encontravam, quebrando as janellas dos institutos religiosos, e insultando até quantas pessoas viam ir para a egreja.

Entretanto procede-se a um inquerito, no qual se téem commettido algumas irregularidades, porque a justiça já tem o juizo formado antes de poder julgar, e quer chegar á conclusão de condemnar o irmão Flamidiano que é o imputado, dê por onde dér.

E' natural que aquella classe d'imprensa, a qual sempre está álerta, esperando occasião para atacar os institutos, não põe duvida alguma sobre a criminalidade do irmão Flamidiano; a minima circumstancia lhes parece uma prova concludente, e occultam muito cuidadosamente o que póde demonstrar a innocencia do irmão.

Todavia ha razões bem graves para crêr que o assassinio foi commettido fóra do collegio, e que o cadaver foi lá introduzido occultamente com o fim de excitar o odio contra o mesmo collegio.

Nós esperamos que se fará luz sobre o facto não obstante a parcialidade da justiça; e que essa luz demonstrará a innocencia do irmão Flamidiano.

Não obstante *não ser impossivel* que elle commettesse um crime, estamos intimamente persuadidos da sua innocencia, e o processo o demonstrará.

Um «clou» da Exposição de Paris. — Entre os varios *clous* que se preparam para a Exposição de 1900 em Paris, ha um dos mais extraordinarios.

Trata se de fabricar um vulcão, um *verdadeiro* vulcão em erupção, com *verdadeiro fogo e verdadeira lava.*

Este Vesuvio em miniatura será levantado a pouca distancia da Torre Eiffel; terá 100 metros d'altura sobre 150 de diametro. Aos lados da collina haverá jardins arborisados, á sombra dos quaes se hão de estabelecer cafés-concertos, cinematographos em actividade etc. etc.

No interno do vulcão vêr-se-ha a *Divina Comedia* de Dante; o Inferno, o Purgatorio e o Paraizo, representados por quadros vivos.

Chega-se á cratera por meio de uma funicular, como tambem por uma estrada serpejante, sem fallar das ascensões alpinas por caminhos hirtos e pittorescos.

Esta construcção vae custar seis milhões de francos (1:200 contos).

ALLEMANHA

Morte do ex-Chanceller Capriui. — O ex-

Chanceller Conde Caprivi morreu no dia 6 do corrente em Skyven.

Era oriundo de familia italiana já desde ha seculos residente na Allemanha.

O Conde Caprivi tinha 68 annos d'idade; entrou no exercito aos 18 annos. Tomou parte nas campanhas de 1864 e 66, e na de 1870 serviu como chefe de Estado Maior do x corpo d'exercito.

Quando em março de 1890 o principe de Bismarck deixou o poder, o Imperador chamou Caprivi para lhe succeder. Não fez coisas muito notaveis, mas seguiu as linhas traçadas por Bismarck. Por motivos não bem conhecidos deixou o poder em 1894, succedendo-lhe o principe Hohenlohe.

A sepultura de Caprivi roubada. — Parece incrivel que na Allemanha, um paiz cheio de disciplina e respeito se encontrem malfeitores tão audazes que hajam commettido um furto na sepultura d'um Chanceller do Imperio.

Chegou a noticia de Skyren que na noite seguinte aos funeraes do general Conde Caprivi os ladrões visitaram a sua sepultura, apoderando-se de todos os objectos de valor que ornavam o caixão. Este acto de vandalismo causou viva impressão em todos os habitantes de Skyren os quaes affirmam que nenhum d'elles foi o auctor do crime. Um inquerito se está fazendo para descobrir os culpados; até hoje faltam indicios.

Os Jesuitas na Allemanha. — No dia 25 de janeiro foi discutida no parlamento allemão a proposta dos deputados do centro em favor da abolição da lei contra os Jesuitas. Os representantes de quasi todos os partidos fallaram em favor da proposta, que foi por consequencia approvada.

Alguns deputados conservadores liberaes apresentaram uma outra proposta: a de abolir tambem o segundo paragrapho da lei contra os Jesuitas, o qual permittia a expulsão dos Jesuitas subditos estrangeiros. A proposta foi approvada com maioria superior á da primeira proposta.

Assim fazem as grandes nações...

A hospitalidade d'um convento. — Em Dresde existe, desde muitos annos, um convento curiosissimo. Os benedictinos alli installados attrahiram ao mosteiro artistas que, conservando inteira liberdade e estando isentos dos officios religiosos, se entreguem aos seus trabalhos profissionaes. Ha alli esculptores, pintores, gravadores e até poetas.

Ao abrigo do frio, da fome e das mais urgentes necessidades da vida, esses artistas executam quadros d'assumpto religioso, missaes, vitraes, esculpem imagens e altares e compõem hymnos em honra da Virgem.

D'este modo, os frades, mediante hospitalidade concedida, fazem no seu convento uma bella collecção d'arte christã.

ESTADOS UNIDOS

Institutos catholicos nos Estados Unidos. — Correspondencias de Washington dizem que o collegio de S. Thomaz de Villanova na Pensilvania, dirigido pelos padres Agostinianos, será notavelmente restaurado. Aquelle grande e soberbo edificio contém o convento dos religiosos, e o collegio dos jovens.

Os trabalhos de restauração fôram decretados pelo Capitolio Provincial celebrado em julho do anno passado.

Este collegio rivalisa com outros grandes institutos catholicos que existem no territorio da Confederação Norte-Americana os quaes fôram edificados e são conservados na maxima parte por offertas voluntarias de particulares devotos.

Por exemplo o seminario de S. Francisco que custou 400:000 dollars (420 contos de réis) foi edificado por oito pessoas sómente, cada uma das quaes deu 50:000 dollars.

O de New-York é ainda mais vasto, póde conter mais de mil alumnos, e custou para cima de 2 milhões de dollars, isto é 2:100 contos de réis.

Mas o mais singular é, que o Seminario de S. Paulo de Miunesota, que custou mais de 600:000 dollars, isto é 630 contos de réis, foi construido por um protestante, o snr. Hill, presidente d'uma companhia dos caminhos de ferro, o qual offereceu áquella somma pela sua esposa defuncta, que era catholica.

Nosso Senhor certamente ha de abençoar quem tanto coopera para o bem da religião,

Uma celebre conversão na America. — Ha perto de trinta annos o Czar da Russia mandou para New-York o rev.º Nicolau Bjerring a fim de regularisar e propagar a Egreja grega scismatica, a qual não tinha lá um representante regular, como téem as outras confissões religiosas de todas as nações.

O rev.º Bjerring fundou realmente uma Egreja e uma communidade grego-scismatica em New-York.

Em 1880 o Czar chamou o rev.º Bjerring, offerecendo-lhe um logar elevado na gerarchia scismatica da Russia. Elle porém recusou a honra offerecida porque se havia feito cidadão americano.

Mais tarde converteu-se ao catholicismo, mas sómente agora manifestou publicamente os motivos que o induziram a passar para a Egreja Catholica Romana; por isso tambem sómente agora se tem fallado d'esta conversão.

O convertido é sacerdote, e foi admittido no sacerdocio catholico, sendo valida a sua ordenação presbyteral recebida na egreja grega.

Idéas americanas. — A dança ás avessas está apaixonando n'este momento a sociedade elegante de New-York. E' uma brincadeira bastante estupida, inventada pela senhora Fish.

Consiste afinal em uma mascara que se põe na parte posterior da cabeça em logar de se pôr sobre o rosto; ficando este coberto com um chinó.

O effeito que se obtem é este: as pessoas que dançam mascaradas d'este modo téem o aspecto de gente, que dança ou caminha para traz.

Em politica tambem se observa o mesmo phenomeno com frequencia.

aos povos; que a parochia, seja a primeira base da educação civil, assim como é o primeiro fóco da doutrina religiosa».

Ainda ácerca da intervenção da religião no ensino, diz em outra parte :

«Quando houver em Portugal um governo que saiba ser governo, ha de regular e consolidar a existencia das freiras, ha de aproveital-a para as piedosas instituições do ensino da mocidade, da cura dos enfermos, e do amparo dos invalidos».

Será isto querer uma patria *independente da religião ?*

Mas ha mais ainda. Oiça :

«Para os liberaes verdadeiros, para os que desejam o poder civil fórte e constituido pelas leis e segundo ellas, para os que querem o imperio da rasão e da justiça, para esses não ha recursos senão na religião. Nenhuma força humana, nenhum poder creado, nenhuma obra dos homens póde supprimir a sua omnipotencia».

Poderá ser esta a linguagem de quem renegou da religião ? — Mas Garrett continúa :

«Foi tempo, já lá vae, em que essas santas coisas — religião e liberdade — pareceram estar em antagonismo; hoje marcham unidas. E se de alguma fórma de culto se póde dizer que é mais libre, mais liberal que a outra, sem duvida que é da catholica».

Consequente com as idéas que sempre professou, diz o grande escriptor em seu testamento:

«Declaro ter sempre vivido e querer morrer no seio da Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana. Entrego a minha alma a Deus, confio na sua misericordia e espero a Bemaventurança pelos infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo».

Ahi tem o snr. Theophilo Braga o desmentido formal da calumnia com que intentou menoscabar a gloria de Garrett. As palavras de s. ex.ª e as do grande homem de letras dão nos idéa exacta da distancia que vae de um pigmeu a um homem verdadeiramente grande.

Erratas. — Por equivoco ao fazer a paginação, saiu errada a numeração das 16 primeiras paginas do numero passado, a qual se fez em continuação com a do numero de dezembro, quando devia começar pela unidade, pois que com aquelle numero principia nova série e novo volume.

— Tambem no mesmo numero, a pag. 11 (779) linha XXXIX em vez de *escorasse*, vem impresso *exorasse*, o que altera completamente o sentido, nem póde admittir-se n'aquelle logar

Aviso. — Algumas pessoas téem-se dirigido ao R. P. Director Nacional da Pia União, pedindo-lhe explicações claras ácêrca do modo como deve proceder-se na installação da Pia União e Pão dos Pobres. Ora, é certo que a «Voz de Santo Antonio» tem por vezes fallado sobre este assumpto. Mas, para maior commodidade de todos, brevemente se publicará o *Relatorio da Pia União e Pão dos Pobres* durante os annos de 1897 e 1898, e no mesmo relatorio se exporá a verdadeira orientação e direcção que devem seguir os rev.os parochos e mais sacerdotes que desejem trabalhar em tão grande obra.

Chamamos tambem a attenção dos Rev.os Directores diocesanos e parochiaes para o aviso que vae junto ao *Culto de Santo Antonio* no presente numero da *Voz*.

Aos nossos dedicados correspondentes. — Rogamos encarecidamente se dignem remetter, com a possivel brevidade ao snr. Thesoureiro da *Voz de Santo Antonio* qualquer quantia que porventura tenham em sua mão.

E' isto indispensavel para a boa organisação e andamento da nossa escripturação.

Visita. — Recebemos, e muito agradecemos a dos presados collegas : *A Aurora do Cavado*, que depois de alguns mezes de suspensão, reappareceu, iniciando uma nova serie, em Lisboa (*Rua Augusta*, n.º 141, 1.º) — *Cruz e Espada*, orgão do partido tradicional n'esta cidade, que tambem suspendera ha annos ; — O *Correio Annunciador*, folha de informações commerciaes e publicação de annuncios, que iniciou a sua publicação em Lisboa, Rua da Prata, 178 — 1.º ; — *La Revue Illustrée du Portugal*, Lisboa, Rua do Visconde de Santo Ambrosio, 67 ; — O *Jornal dos Arcos* de Val de Vez ; — *A Flor do Tamega*, de Amarante.

Muito penhorados com a visita, agradecemos, e gostosamente *retribuimos*.

Aos nossos collegas da imprensa que se dignaram honrar-nos com expressões de immerecida benevolencia por occasião do nosso anniversario, agradecemos tal distincção. Alguns tiveram para nós termos tão elogiosos que nos confundem; só podemos attribuil-os a um requinte de amizade, aos olhos da qual muitas vezes os mesmos defeitos são virtudes. *O Correio Nacional* chama á *Voz de Santo Antonio* «excellente revista religiosa» ; *A Palavra* diz textualmente :

«Entrou no 5.º anno este nosso presado collega bracarense, que tão grandes serviços tem prestado e está destinado a prestar á causa catholica».

A Flôr do Tamega: «é uma revista importantissima, e a sua collaboração escolhida, muitissimo a recommenda».

A Folha da Manhã (Barcellos) : «Magnifica obra religiosa da cidade de Braga e sem duvida a mais importante no seu genero que temos em Portugal. E' o n.º 1 do 5.º d'esta bella e util publicação que temos presente.

Segue intemerata e firme na sua crença, o brilhantissimo caminho que traçou em prol da fé e da religião

O favor publico não lhe falta nem lhe póde faltar, porque a «Voz de Santo Antonio» impõe-se pela grandeza das suas idéas e convence pela verdade e vence pela pericia de todos aquelles que n'ella collaboram.

As nossas felicitações.

A Aurora do Cavado : consagra-lhe uma columna quasi inteira. Transcrevemos as snas palavras como testemunho da extrema benevolencia do collega, que não como homenagem a merecimentos que nós mesmos desconhecemos :

«Entre as publicações religiosas e litterarias do nosso paiz tem-se aberto logar muito á parte e sobresalieute a *Voz de Santo Antonio*, revista mensal illustrada, de Braga, publicada pelo Collegio de S. Boaventura, orgão da Pia União e do Pão de Santo Antonio, e boletim da Ordem Terceira de S Francisco, e devido lhe era e é ella, pois que excellentemente redigida quer sob o ponto de vista catholico, quer sob o litterario, tendo redacção e collaboracão distinctas, e sendo illustrada em todos os n.os com boas gravuras.

E fiel ao preceito de Horacio cuja verdade, quanto mais ella se lê, mais se verifica

Omne tullit punctum qui miscuit utile dulci

amenisa a lição de estudos mais levantados sobre assumptos sociaes ou scientificos, com secções,

umas puramente litterarias, outras recreativas, presidindo a tudo notavel criterio.

Tal o motivo por que eu sempre percorro com interesse, e muitas vezes com enleio, as columnas da *Voz de Santo Antonio*, e da sua leitura tiro proveito e instrucção.

O seu ultimo numero publicado é o 25, pertencente ao 4.º anno e 2.ª serie, correspondente a dezembro passado. Por elle não desmerece a *Voz* do conceito em que é tida e antes o ratifica, estampando numerosas illustrações, e compulsando no texto questões do mais alto alcance entrelaçadas com secções referentes ao culto de Santo Antonio, e com a de «leituras amenas».

A sua assignatura custa por anno 1$200 réis, para o reino e ilhas adjacentes. Para os outros paizes accresce o porte do correio». — *Rodrigo Velloso.*

Expressões identicas tiveram *O Progresso Catholico*, *A Ordem*, *A Opinião* etc.

Comquanto não possâmos concordar com o seu modo de vêr, não podemos deixar de agradecer taes expressões, devolvendo-as intactas ao animo generoso e amigo que as ditou.

O Almanach de Santo Antonio. — Continúa a ser remettido a algumas pessoas que ainda o não tenham. O (preço pelo correio) é de 250 réis. (O volume tem 304 pag., em bom papel, etc.)

Aos nossos zelosos correspondentes, e demais pessoas que se dignaram trabalhar em diffundil-o e propagal-o, enviamos d'aqui a expressão do nosso reconhecimento. Especialisaremos os seguintes senhores:

Padre Manoel J. Esteves, 19; Padre Boaventura da Conceição, 12; D. Anna d'Oliveira Zina, 4; Padre Moura, Porto 56; Padre Joaquim Gomes de Jesus, 50; José Ferreira de Carvalho, Braga 22; Domingos José de Souza Gomes, 42; D. Lionia Pedreira, Turcifal 4; Antonio Rodrigues de Souza, Seminario de Santarem 16; Fr. Antonio do Presepio, 8; Fortunato de Sá, Arcos de Val de Vez 75; Padre Domingos Peixoto, Villa Real 50; Manoel Joaquim d'Oliveira Bastos, Guimarães 20; José Joaquim Gomes da Silva, Guimarães 79; Augusto Costa & Pereira, Braga 20; Licinio Augusto Ferreira de Souza, Seminario de Lamego 5; D. Rosa Emilia da Graça, Borralha 4; Irmã Benigna, Barcellos 3: Joaquim Bernardo Martins Pontes, Seminario de Faro 16; Gustavo dos Santos Silva, Peniche 3; Conego J. M. Bittencourt, Porto Alegre-Brazil 20; Antonio Maria Guerreiro, Caminha 16; João Daniel Nunes, Madeira-Funchal 8.

Além de muitas outras pessoas de que nos não lembramos; ás quaes enviamos tambem sinceros agradecimentos.

Restam ainda alguns exemplares. Em breve não restará nenhum.

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Com o numero presente da *Voz* enviamos a nossos bondosos assignantes um cartão, que esperamos nos seja devolvido com alguma nova assignatura.

Contentamos-nos com que cada senhor assignante nos devolva o cartão, o menos, com uma assignatura.

Isto representa um pequeno sacrificio para quem consegue a nova assignatura, e um grande auxilio para a divulgação das obras antonianas: auxilio, que Santo Antonio não deixará de recompensar, e nós desde já sinceramente agradecemos.

CARTAS PATENTES DA ORDEM TERCEIRA

Cada exemplar, tanto de admissão como de profissão . . . . . 10 réis.
Para as Veneraveis Ordens Terceiras, que requisitarem mais de 100, cada exemplar. . 5 »

Cada patente é illustrada com uma bonita photogravura de S. Francisco, a dar o habito aos dous primeiros Santos da Ordem Terceira; contèm um resumo de todas as obrigações dos Irmãos Terceiros e de todas as indulgencias plenarias e parciaes que podem lucrar, com os respectivos dias.

Vende-as a snr.ª D. Thereza Maria de Jesus.—Carmo, casa das offertas. — Braga.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Direcção — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Rev.º Padre director da «Voz de S. Antonio», Collegio de S. Boaventura — Braga.

Assignatura — 1$200 reis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.